

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

JULIO RIBEIRO

CARTAS SERTANEJAS



FARO & NUNES

EDITORES

RIO DE JANEIRO

—
1885

JULIO RIBEIRO

CARTAS SERTANEJAS



FARO & NUNES

EDITORES

RIO DE JANEIRO

—
1885

*Pede-se á imprensa a remessa dos exemplares das folhas
em que tractar deste livrinho.*

ENDEREÇO :

Julio Ribeiro ;

CAPIVARY, PROVINCIA DE S. PAULO.

.....

TYPOGRAPHIA DO *DIARIO PORTUGUEZ*

16 — RUA DA QUITANDA — 16

—
RIO DE JANEIRO

PROLOGO

Enfeixam-se hoje em folheto as *Cartas Sertanejas*.

Nada se me faz preciso dizer para apresental-as: ellas fallam por si.

Não posso fugir á tentação de fazel-as preceder do que, sobre ellas, escreveram Valentim Magalhães e Henrique de Barcellos.

As palavras dos distinctos moços foram brados que me animaram na campanha tremenda que empreendi contra o partido da calumnia e da diffamação.

Basta.

Rio de Janeiro, 25 de Junho de 1885.

JULIO RIBEIRO.



JULIO RIBEIRO

(Da *Semana*)

« O homem que sabe servir-se da penna, que pôde publicar o que escreve e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir um dever, commette o crime de covardia, é máo cidadão. »

JULIO RIBEIRO

(*Cartas Sertanejas, II*; *Diario Mercantil, 6 de Março de 1885.*)

E' muito conhecido já, embora não tanto quanto merece, o nome que encima este artigo ligeiro, mais de prolfças do que de critica.

O seu bello romance historico, erudito e finamente litterario — *Padre Belchior de Pontes*, publicado em Campinas ha nove annos, foi um bello *successo*. Dessa edição poucos exemplares hoje se encontram. O proprio auctor o confessa no prefacio : « A imprensa paulista quasi em peso, folhas da côrte e de varias provincias, escriptores de merito reconhecido levantaram *una voz* a obrinha, exaltaram-na, glorificaram-na. »

Não fosse de politicos e de analphabetos este paiz, e da penna que escreveu *Padre Belchior* teriam promanado outros muitos livros igualmente bellos, senão muito mais valiosos.

A outra obra de Julio Ribeiro, que lhe fez solida e respeitavel a reputação de estudioso e reformador, é a sua estimadissima *Grammatica*, que em Portugal, como no Brazil, é considerada a mais scientifica e racional em face dos actuaes progressos da glottica e dos estudos anthropologicos e linguisticos, e talvez sem par em ambos os paizes.

Na opinião auctorisadissima de Theophilo Braga é a melhor grammatica da lingua portugueza, das publicadas até hoje.

Como philologo e romancista de primeira plana⁷ era até aqui conhecido e reputado o valente escriptor « mineiro por nascimento, paulista por criação. »

Terceira face do seu multiplo talento acaba de se nos revelar, erguendo logo ás primeiras fulgurações um côro de applausos, um marulho de admiração, eguaes aos que saudaram o romancista e o philologo.

Refiro-me ás *Cartas Sertanejas*, cuja publicação acaba o illustre escriptor de encetar no *Diario Mercantil* — esse magnifico jornal que de provinciano não tem nada, e de jornal da côrte — quasi tudo.

Para que melhor se'ajuize do genero e do valor desses artigos, publicamos em outro lugar desta folha o primeiro delles, que é o programma das *Cartas Sertanejas*.

Era de um homem desses que estavamos sentindo falta. De um observador recto e inabalavel, imparcial e sereno, de um critico independente e liberrimo, sem gargalheiras partidarias, nem atilhos de pequeninas conveniencias; de um corajoso até á insolencia, de um justo até á crueldade, de um sincero até á grosseria; de um escriptor que escrevesse « por civismo » — é que de ha muito necessitavamos.

Ei-lo que chega. Bem vindo seja !

Em meio do monotono concerto de louvaminhas e lôas apologéticas, irritantes á força de serem harmonicas; falsas, hypocritas, interesseiras, de uma baixesa sordida e de uma banalidade narcotica—a voz de Julio Ribeiro, clara, altisona, metallica, vibra e estala no ar, como a lingua de um

rêlho ; esburaca e alanha os ventres luzidios e indecentes dos Interesses e das Conveniencias, obrigando-os a esvaziarem-se, com descargas fétidas, do entulho de covardia e de *manha*, de ganancia e de tartufice que os abarrotava.

Julio Ribeiro não aspira, não ambiciona, não pretende, não pede ; não é candidato a cousa nenhuma.

Qualidade espantosa e rara !

Quer continuar a ser o que tem sido. Consequentemente escreve «para satisfazer a sua propria actividade», escreve «por civismo», pouco lhe importando que os seus escriptos agradem ou não agradem a todos os habitantes do mundo—á excepção de um unico—que é elle.

Julio Ribeiro escreve para contentar-se e satisfazer-se a elle mesmo, e, portanto, desde que os seus artigos agradam a Julio Ribeiro—nada mais deseja.

Na segunda *carta* estuda os dous deputados republicanos eleitos por S. Paulo.

— E' uma diatribe ! é um pasquim diffamatorio ! é uma verrina ! berrarão, assanhadissimas, as hypocrisias e as conveniencias.

— Não, minhas senhoras ; responde-lhes a Verdade :— E' uma disseccção, é uma autopsia ; é um trabalho de anatomia social.

Continúe Julio Ribeiro, deixando berrar quem berra.

O pulso é firme, a vontade inabalavel, a «arma, terrivel, brutal como o aço, mas forte como elle : —a sinceridade.»

Avante, pois !

Permitta, emtanto, o poderoso escriptor que de longe o interrompa por um instante, para apertar-lhe vigorosamente e alegremente a mão honrada e athletica, um collega humilimo e um companheiro de batalha dos mais fracos, mas não dos menos resolutos.

E, como em campanha, ao partir para o combate, á frente da barraca, dir-lhe-ei, sacudindo-lhe fraternalmente a mão:—Bom dia, camarada ! Vamos a isso !

VALENTIM MAGALHÃES.



JULIO RIBEIRO

(Do *Correio de Campinas.*)

.....
....., ..

Na disposição de dizer a verdade núa e crúa em que igualmente se acha o sr. Julio Ribeiro, não deixa de ser conveniente e sensato que antes de tomar da penna, elle verifique si ainda dispõe da mesma certa pontaria antiga. Os *curiangos* não lhe escapavam. Resta que pelo exercicio continuo do revólver, a sua mão não extremeça ao mandar uma bala ao primeiro que sentir as susceptibilidades revolvidas e a sua importancia contestada.

São esses os representantes da espantosa decadencia intellectual, moral e politica que ahi lavra.

Ai delles se lhes desafivellarem a mascara.

Os Quixotes perdem os instinctos guerreiros e mostram-se Sanchos pacatos, guardadores de cabras. Os genios-á-presca descobrem-se-nos imbecis. Os Codros sahem-nos cretinos, reis lendarios commodamente sentados em sua cadeira furada. Corôas rolando no lodo das Messalinas. Orgulhos que pedem esmola. Prostituições que arrotam honra. E sobre este desmoronamento, em que todas as immundicies vêm abaixo, dentre a poeira destas podridões, serena, pura transparente, immaculada projecta-se a Verdade, a doce amante de todos os martyres !

HENRIQUE DE BARCELLOS.



CARTAS SERTANEJAS

I

A mim o ferro, a mim que tenho a culpa.

«Me, me, *adsum qui feci ; in me convertite ferrum.*»

VIRGILIUS, *Æn idos, Lib. IX, vers. 426.*

Subordinados á epigraphé—CARTAS SERTANEJAS—enceto hoje uma serie de artigos.

O *Diario Mercantil* que os publica não é solidario comigo nas opiniões a manifestar, nos juizos a emittir.

A responsabilidade legal e moral de tudo que em taes artigos apparecer será toda minha, sómente minha, exclusivamente minha.

Carregado com este onus quero tambem toda a liberdade de movimento ; sem ultrapassar as raias do decente e do honesto, não guardarei conveniencias, não me imporei restricções. Si assim me aprouver, irei até ao paradoxo, chegarei até ao absurdo.

Com a franqueza rude que me kharacteriza, hei de dizer sem reбуço o que penso das cousas e dos homens. Sei que em muitos particulares vou desagradar a muita gente ; sei que se ha de desencadear contra mim muito odio pequenino... Não me importa.

Desde já conto com injurias e calumnias, e tambem desde já as desprezo.

Não tenho programma, não tenho assumpto determinado. Tractarei um dia de litteratura, outro de politica, outro de sciencia, outro... daquillo a que me levar o meu estado de espirito.

Não me considero escravizado a cousa alguma: roçar de leve ou exaurir um assumpto, repizar-me, interromper-me, responder ou não responder a contestações, tudo isso fica ao grado de minha phantasia, de minha alta recreação.

Escrevo para satisfazer a minha propria actividade, e não para agradar ao publico. Si achar quem pense como eu penso, muito bem : terei companheiro. Si não, ficarei só. Não ha nisso mal : de ha muito habituei-me a não contar com os favores da opinião, e a procurar em mim proprio a approvação de meus actos.

Agora uma declaração preliminar, quiçá desnecessaria : não tenho religião e não tenho partido. Sou atheu e sou republicano intransigente.

Capivary, 28 de Fevereiro de 1885.

II

«*Me, me, adsum, qui feci ; in me convertite ferrum.*»

VIRGILIUS, *Aeneidos*, Lib. IX vers. 426.

O maior acontecimento do principio do anno da graça de 1885 nesta legendaria provincia, é a eleição de dous bachareis republicanos para deputados á Assembléa Geral.

A julgar-se pelas passeatas, pelos *pick-nicks*, pelos jantares *sub tegmine frondis*, pelas manifestações espectaculosas de todo o genero, o successo convulsionou as plagas paulistanas, e foi repercutir na côrte, onde um dos eleitos, o sr. dr. Campos Salles, teve uma recepção vitelliana, com grande gasto de discursos, e summo gaudio dos *badauds*.

Fóra, em Portugal por exemplo, quem lêr as noticias pomposas das folhas brazileiras, realmente ou *soi disant* democraticas, admirará a pujança do adolescente partido

republicano paulista, pasmará ante a sapiencia de seu pessoal, e conceberá serias apprehensões a respeito da solidez do throno do sr. d. Pedro II.

De facto, no dizer das taes folhas, os dous eleitos são dous homens modernos, de vistas largas, *scientificamente preparados* para todas as luctas da idéia, para todos os cometimentos do seculo ; a victoria ganha é um resultado do genuino pensar do eleitorado da provincia, e tambem um como antegosto de governação federativa, podendo a gente afagar a esperança de trocar em patria salva, depois de ter exclamado eruditamente :

«*Magnus ab integro s:c'lorum nascitur ordo !*»

Si realmente assim é ; si a provincia em 1870 gravidou-se de republicanismos opportunistas, e desova hoje dous deputados de talento masculino, solidamente nutridos em sciencia genuina ; si os eleitos não têm abusões theologicas, si não rendem culto como a realidades a prosopopeias de metaphysica, si são dous homens de lucta, de combate, inconvenientemente verdadeiros, brutalmente francos—só um espirito muito terço poderá achar que glosar nas repetidas ovações. Nada então mais justificavel do que os fremitos de entusiasmo em que se estortegam os povos, desde o Largo do Patrocinio até o arco do Telles, passando pelo Becco do Sapo.

Por desgraça, o que dizem os panegyristas partidarios, o que diz mesmo em grande parte a imprensa brasileira, não é precisamente, exactamente a expressão do real.

Para rectificar os factos, para arrancar dos hombros da verdade o manto de lentejoulas que lhe encobre a formosissima nudez, não ha remedio sinão fazer alguém de desmancha-prazeres ; não ha outro meio sinão atirar-se um pugillo de folhas de helleboro á caçoula dos perfumes, ao incensorio dourado com que se estão a thuriferar o opportunismo de S. Paulo e seus dous representantes.

Tomo a mim essa tarefa.

Porque ?

Já o disse em minha primeira carta : escrevo para satisfazer a minha actividade propria.

E mais : escrevo por civismo.

O homem que sabe servir-se da penna, que póde publicar o que escreve, e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir um dever, commette o crime de covardia, é mau cidadão.

Não é o despeito que me move, porque não póde ter despeitos quem nunca teve aspirações.

Não é tampouco o desejo de agradar a quem quer que seja: os que me conhecem, conhecem tambem a minha altiva independencia.

Na campanha que emprehendo serve-me uma arma terrivel, brutal como o aço, mas forte como elle—a sinceridade.

Começo.

Com franqueza, verdadeiramente, justificadamente haverá razão de ser para as manifestações esplendidas, custosas, barulhentas, feitas aos dous deputados republicanos ?

Por ventura ter-se-à já findado a primeira sessão legislativa, e regressam os homens aos caros penates, tendo feito passar com a pujança do verbo flammejante leis radicaes sobre a descentralisação administrativa, sobre a grande naturalisação, sobre a liberdade de cultos, sobre abolição logo e logo ?

Nada disso : a Camara ainda está a constituir-se, ainda contorce-se em labor de parturição com o terceiro escrutinio.

Mas que fizeram então os dous eleitos ?

Até o presente fizeram... fizeram... fizeram-se eleger !

E' muito, é ; mas não basta para justificar as ovações, salvo si as considerarmos um *à compte* de serviços futuros.

Isto de triumphos previos póde ser muito generoso, muito patriotico e até mesmo muito ridiculo : sensato com certeza é que não é.

Mas o partido republicano paulista está instruido, disciplinado, orientado todos os dias em sua mentalidade pelo

doutrinação do sr. Rangel Pestana : é, por conseguinte, prudente no que faz, reflectido, sensato, arkhisensato mesmo. Já se vê, pois, que não cai na corriola de fazer á *compte* por serviços futuros, que não se presta á farçada de organizar triumphos previos.

As manifestações são dirigidas com certeza ao merito pessoal dos eleitos, e á victoria do partido.

Proceda-se com tento, por partes.

O merito pessoal dos dous eleitos.

De sua honestidade de kharacter, aliás notoria, não ha que tractar : honestidade não é merito, é dever. Ninguem recebe ovações por ser honesto : si cada homem de bem recebesse uma manifestação, as charangas não teriam mãos a medir ; andaria o mundo num *Zé-Pereira* continuo. Ha muita gente honesta, honra seja á humanidade.

Serão os dous deputados homens notaveis por seus talentos provados, pela vastidão de seus conhecimentos ?

Seriamente, francamente, mas mesmo bem seriamente, bem francamente, não são.

Ambos são conhecidos como bons advogados no fôro do interior da provincia, como tendo sido por vezes deputados provinciaes muito regulares.

Fóra disto, nada.

Nenhum delles escreveu jamais obra de folego ou mesmo passageira ; nenhum delles redigiu effectivamente folha de grande circulação ; nenhum delles collaborou ainda em revista de sciencia ou de litteratura. A sua bagagem de escriptores limita-se a alguns artigos de fôro ou de politica, esparsos nos jornaes da provincia.

S. S. Excas., probos e criteriosos como eu folgo em reconhecer que são, deveriam cortar o surto ao entusiasmo delirante de seus amigos, que os dão, na epokha actual, como *scientificamente preparados* para debater as grandes questões que agitam a sociedade moderna.

Tal asserção, partida de adversarios, seria um sarcasmo

pungente ; partida de co-religionarios é uma inverdade, filha talvez de um bom desejo.

O primeiro requisito da educação moderna, como base de reorganisação social, é a universalidade de conhecimentos.

O homem *scientificamente preparado* deve conhecer, ao menos elementarmente, as mathematicas, a physico-khimica a bio-physiologia, a psykhologia-moral. Deve ter boas noções de arithmetica, de algebra, de geometria, de mekhânica, de cosmologia, de astronomia sideral e planetaria, de geodesia, de geographia physica, de geologia, de mineralogia, de paleontologia, de botanica, de zoologia, de anatomia, de histologia, de pathologia, de psykhologia, de moral, de anthropologia, de ethnologia, de linguistica, de historia e geographia-historica, de industria, de arte, de litteratura, de sociologia, de legislação, de politica.

E mais, deve ter estudos classicos solidos.

E sinão, leia-se o que sobre este ultimo topico escreveu Garrett, (1). E' antigo, mas é actual, porque a verdade não envelhece.

« O Grego e Latim são necessarios elementos desta educação nobre.

« Deixar fallar modernos e modernices, petimetres e neo-
« logistas de toda a especie : homem que se destina, ou que
« o destina seu nascimento a uma vocação publica, não póde
« sem vergonha ignorar as bellas lettras e os classicos.
« Saiba elle mais mathematica do que Laplace, mais khimi-
« mica do que Lavoisier, mais botanica do que Jussieu, mais
« zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia politica
« do que Smith e Say, mais philosophia de legislação do
« que Montesquieu e Bentham : si elle não fôr o que os In-
« glezes chamam *a good scholar*, triste figura ha de fazer
« fallando, ou seja na barra, na tribuna, no pulpito ; tris-
« tissima escrevendo, seja qual fôr a materia, porque não ha

(1) *Da Educação*, edição de Londres, pag. 34.

« assumpto em que as graças do estylo e a correcção da
« phrase e belleza da dicção não sejam necessarias e indes-
« pensaveis.»

Isto posto, pergunto :

Qualquer dos dous deputados será capaz de resolver uma equação do segundo gráu?—de demonstrar as propriedades da hypotenusas e das cathetas de um triangulo rectangular?—de determinar a parallaxe da lua?—de avaliar por meio de um raio de luz a quantidade de assucar que lhe adoça o café da manhã?—de dizer que substancias deve combinar, e em que proporções para dissolver o subsidio de um dia, caso seja pago em ouro?—de traçar a arvore genealogica da vida animal, a partir da *monera* e a terminar no homem aryano, passando como por etapas, pelos *gastreades* pelos *acrania*, pelos *promammalia*, pelos *anthropoides*?—de reconstruir, ao menos em imaginação, as fórmulas exquistas e gigantescas dos saurios da epokha jurassica? Conhecerão elles as affinidades glotticas, o parentesco das linguas que é o das ideias, e por conseguinte dos homens!

Não os horrorizará a indistincção absoluta do bem e do mal? Encararão sem tremer as bases novas em que se tem collocado a moral? admittirão os ensinamentos e as doutrinas criminaes de Luys, de Bastian, de Maudsley, de Lombroso?

A resposta consciente e conscienciosa é que a mór parte destas questões, aliás elementarissimas, seriam para S.S. Excas. verdadeiros exorcismos.

Em terreno classico nã pizam com mais firmeza : nenhum delles pode sustentar uma conversação em francez decente, lêr sem dictionario uma pagina de Buckle, traduzir á primeira vista um capitulo de Cesar ou uma elegia de Tibullo.

Portuguez, conhecem, mas não profundamente : Barros, Couto, Frei Luiz de Souza, Frei Antonio das Chagas Lucena, Mendes Pinto, Bernardim Ribeiro, Sá de Mirand, Ferreira, Côrte-Real, são tão privados, tão conhecidos de

S.S. Excas. como Valmiki, como Hroswitha, como o padre Tostado.

Do sr. prudente de Moraes até o pouco que tenho lido é soberanamente incorrecto.

Não. Scientificamente, classicamente, os dous deputados não estão mais preparados do que seus collegas de parlamento.

Estão mesmo abaixo de Nabuco, que está na Camara; de Ferreira Vianna e Ruy Barbosa, que lá deveriam estar.

E' um engano doce e ledo consideral-os acima da craveira commum dos bachareis brasileiros.

Os amigos que á fina força lhes querem emprestar preparação scientifica, deveriam lembrar-se de que elles são filhos da *Academia de S. Paulo*, desse polypeiro de metaphysica e pedantismo insolente, onde os Kopkes, os Vieiras e os Leoncios constituem odiadas excepções, onde a castigos e *bombas* se suffoca a voz dos Wernecks e dos Argymiros, onde se esterilisa a mocidade brasileira tão digna de melhor sorte.

Os amigos dos dous augustos representantes da provincia bem sabem que elles, ao deixarem os bancos academicos, atiraram-se, como quasi todos os seus collegas, á conquista do milhão neste meio sáfaro e lethifero, neste «viver de provincia» que engole, que devora, que digere a quem não tem uma força de vontade descommunal, feroz, indomavel para, por um pouco de saber, lutar a todas as horas contra todos e contra tudo.

E' preciso ter uma resolução de ferro para, nas horas furtadas aos trabalhos da profissão, não ceder á decidia, quando falta o mestre, quando falta o livro, quando falta a emulação, quando falta o incentivo, quando falta até um ouvinte capaz de comprehender! E' preciso ter uma vocação forte e inquebrantavel como o diamante, para não succumbir nas horas [de lazer á attracção sirenica das caçadas, do jogo, do baile, da palestra da esquina, da questão de cam-

panario... Ah ! é preciso chamar-se Winckelmann ou Lund, Couto de Magalhães ou Tobias Barreto.

Sinceros e bem intencionados, os dous representantes de S. Paulo hão de fazer em bem do paiz o que permittirem suas habilidades regularissimas, seus conhecimentos modestos, sua experiencia já soffrivel em cousas de politica provinciana.

Esperar delles o que não podem dar, attribuir-lhes illustração que não possuem, chamar-lhes *tribunos* e outros nomes que taes, embriagal-os com lisonjas, aturdil-os com ovações, é deital-os a perder de uma vez, é preparar *fiasco* pela certa.

Na proxima carta exporei com a mesma franqueza o *meu* modo de vêr a respeito do partido republicano paulista.

Capivary, 4 de Março de 1884.



III

« *Me, me adsum, qui feci; in me] convertite
ferrum.* »

VIRGILIUS, *Æneidos*, Lib. IX vers. 426.

Na passada carta demonstrei a saciedade quão desarrazoadas, quão injustificaveis, quão inanes eram as thuriferações estrepitosas ao merito pessoal dos dous deputados republicanos.

Hoje encaro a segunda face da questão — a victoria do partido.

Por ter consêguido mandar á Camara temporaria dous representantes, ganhou victoria o partido republicano paulista ?

Serriamente, francamente, mas mesmo bem serriamente, bem francamente, não ganhou.

O eleitorado que fundiu, que recozeu os dous diplomas, não se compunha de homens de um só pensar, agrupados em volta de uma só bandeira, guiados por um só movel, a fitar um mesmo fim.

Não.

Luiz XIV, respondendo ao nuncio que o felicitava pela victoria de Neerwenden, disse : « Creio, Senhor, « que para o futuro os inimigos não hão de gostar muito « de defrontar com um exercito de Francezes. *Exercito de*

« *francezes*, digo mal : eu deveria dizer *exercito de França*
« porque o meu exercito se compõe de gente de muitas
« nações.

Simile mais adequado não se poderia encontrar ; o
eleitorado que deu diplomas de augustos representantes
da provincia aos srs. Campos Salles e Prudente de Moraes
não é o *eleitorado republicano*, é o *eleitorado do partido
republicano*.

Assim como o *exercito de França* era uma multidão
serapintada e polyglotta de Miqueletes, de Irlandezes,
de Hungaros, de Polacos, de Suecos, de Allemães, de
Corsos, de Panduros, de Turcos, assim tambem o *elei-
torado do partido republicano* nesta campanha foi um
amalgama de opportunistas, de conservadores, de liberaes,
de atheus, de beatos, de homens sinceros, de homens
refalsados, de despeitosos, de indifferentes, de violentados,
de vendidos, de tudo !

Quem representa elementos tão heterogeneos, opiniões
tão encontradas, interesses tão oppostos, ou representa
a influencia de momento que os agrupou, ou não re-
presenta cousa nenhuma.

Os meios empregados aproveitaram, as tricas da cabala
sortiram effeito, venceram os chefes, triumpharam os
candidatos, mas o partido perdeu terreno porque com-
bateu e não fez avançar nenhuma das idéas que devem
constituir o seu programma.

Houve victoria, não ha negar ; mas foi victoria de
grupo, não foi victoria de partido ; foi victoria de homens,
não foi victoria de principios ; foi victoria eleitoral, não
foi victoria politica.

Ao projecto Dantas, verdadeiro pomo de discordia
arrojado ao seio do Parlamento, seguiu-se a moção de
confiança, seguiu-se a dissolução.

A convocação da nova Camara foi um toque de rebate,
foi um grito de alarma que chamou a terreiro os republi-
canos.

Elles os opportunistas de S. Paulo que entendiam que *não tinham* e que *nunca teriam* a responsabilidade do desenlace da questão servil;— que no caso de terem de resolvel-a *não se apartariam* das vistas da nação;— que *era bastante* para fitar com desassombro o futuro *confiar na indole do povo e nos meios de educação*;— que a questão era *social e não politica*;— que cada provincia devia realisar a reforma *mais ou menos lentamente* conforme seus interesses peculiares; — que a escravidão *podia ser tolerada* como um factor economico (!);— que a base da reforma *devia* ser a **!INDEMNISAÇÃO E O RESGATE** — o partido republicano que assim dubia, tortuosa, machiavelicamente pronunciava-se, ou antes, não se pronunciava, sobre questão de tamanho momento; o partido republicano, chamado por Nabuco, e com justeza, *Jano paulista*, de repente, inopinadamente, contra a expectativa de todos, deita as garras ao projecto Dantas, e prega-o como um remendo em sua bandeira de guerra.

Singular bandeira essa que se irisa com todas as côres, que acceta todos os principios, que cobre todos os despeitos, que entrega aos beijos do vento os epitaphios lugubres das convicções que morreram!

Gonfaloneiros ardentissimos da idéia outróra repudiada, os republicanos atiraram-se á lucta, aventando a possibilidade de fomentar, de ageitar, de traduzir em facto, para o segundo escrutinio, a transacção vergonhosa, já sonhada, já afagada em 1881, quando o sr. Campos Salles, contrariado nesse intuito por um artigo meu, chamou aos intransigentes *ideologos e sentimentalistas*.

A operação inqualificavel de mercantilismo politico, bem fomentada, bem ageitada, passou para o dominio dos factos, e os republicanos empolgaram os diplomas do setimo e do oitavo districto!

.....

Eu vi-os na faina.

Foi em Itaicy, na vespera ou no dia do segundo escrutinio no quarto districto.

Chegavo o trem de Itú, trazendo Campos Salles, que ia cabalar em Indaiatuba, não sei onde.

O *tribuno* vinha magro, pallido, coberto de pó. Nos olhos pizados, na curvatura do busto, nos modos frouxos lia-se-lhe a fadiga das vigílias, o quebrantamento do labor indefesso.

Bella figura de obreiro da idéia, activo, laborioso, dedicado.

Mas infelizmente não estava trabalhando pela causa sagrada, santa, pura da republica intemerata.

Não : mocidade, robustez, esforço muscular, excitação nervosa, concentração cerebral, tudo isso estava a serviço da monarkhia, do partido de José Clemente Pereira, do mais ferrenho esclavagismo !

Campos Salles pagava a sua divida de honra : trabalhava pela eleição de Rodrigo Silva !

Sem querer vieram-me á mente palavras do velho Herculano, e eu repeti-as commigo, alterando-as levemente.

« A alliança que pactuaram com os conservadores, « honrosa aos olhos do vulgo, é aos meus olhos infamia. « Paz com o monarkhista ? Ao republicano só cabe fazel-a « quando dormir ao lado d'elle somno perpetuo no campo « de batalha ; quando ao lado um do outro, esperarem « ambos que as aves do céo venham banquetear-se em « seus cadaveres. Antes disso não a comprehendo. »

Pela eleição de dous deputados seus o partido republicano de S. Paulo deu a de quatro conservadores, a de quatro escravocratas...

Não : a victoria dos candidatos republicanos não é a victoria do partido, porque é a derrota dos principios.

E si o é, si o partido entende que triumphou realmente, que se não sacrificou a coherencia, a dignidade, a causa inteira na transacção effectuada, então a demo-

cracia que nos querem encampar é apenas oligarkhia
'espeitosa e mascarada, e a sua Republica, que de longe
se nos afigura uma virgem casta, de olhar innocente e
fero, de juba leonina, de dentes alvos, de carnadura sã,
não passa da velha messalina monarkhica, caiada, dis-
farçada em donzella, escondendo em peruca torpe a
alopecia obscena, suspendendo os seios sovados em es-
partilho de baleia, com as gengivas gretadas de escorbuto,
com os ossos corcomidos de syphilis.

Capivarý, 10 de Março de 1885.



IV

*Me, me adsum qui feci ; in me convertite
ferrum. »*

VIRGILIUS, *Æneidos*, Lib. IX ; Vers. 426.

« Por mais amarga que seja
« a recompensa que noe
« caiba, diremos a verdades
« acabaremos com os falsos
« idolos.

« Moralisemo-nos.

« Em nome dos mais sagra-
« dos principios, apanagio da
« humanidade de hoje —
« LUCTEMOS : que criam por
« terra as mediocridades ! »

ARGYMIRO GALVÃO.

A *Lucta*, 22 de Março de
1885.

A imprensa de um paiz é o estalão por onde se afere a sua grandeza, é o dynamometro da sua pujança intellectual e moral, é o espelho onde elle inteiro se reflecte.

Lêr o jornal é estudar a sociedade.

Cultura scientifica e ignorancia crassa, aspirações generosas e baixeza de sentimentos, vistas largas e acanhamento de horisontes, força e fraqueza, desinteresse e cobiça, opulencia e miseria, civismo e servilismo, tudo se photographa, tudo se estampa, tudo se estereotypa nessa folha de papel humida, que os galopins apregôam em bandos pelas ruas.

Parece um farrapo, e é uma força, porque é uma revelação.

A imprensa brasileira está eivada de vicio, como convictamente, serenamente disse o summo sacerdote della, Quintino Bocayuva (1).

A conclusão inexoravel, necessaria, fatal é que esse vicio é consequencia de acção reflexa, é mal de sympathia: quem se acha em verdadeira contaminação de grangrena é a sociedade brasileira.

Como estudo de pathologia social tomo uma folha qualquer, a *Provincia de S. Paulo*, o numero de Domingo atrazado, que é o que tenho mais á mão (2).

Que inanidade, que aridez, que areal, que Sahara!

Na frente ahi está o *artigo de fundo* sobre assucares, estudado em minutos, escripto em um quarto de hora, pesado, franzido, envolvendo a idéia em phrases arras-tadas, como uma aranha enrola em mil liames a mosca infeliz que lhe cahiu na teia.

Segue-se uma *revista extrangeira* khronologica, medida, esteril, secca, chôcha, inutil.

Sob a rubrica *Questões Sociaes* extendem-se estudos de legislação agricola, firmados por um paulista distincto.

Agora, *horresco referens*, sôa estridula a nota khara-cteristica da imprensa luso-americana, o nosso invento jornalístico, a parte essencialmente brasileira, a *secção livre*, vasta cloaca onde, a tostão por linha, tem direito o mais reles *voyou* de vir sentar-se, de cara descoberta ou mascarado, para expellir commodamente a bilis fetida que lhe accumulou nas visceras o despeito, o odio, a paixão baixa, o interesse ferido, a vaidade beliscada, a pequenina contrariedade...

Oh! neste departamento claro-escuro, donde fugiram espavoridas a limpeza e a verdade, é que se acotovellam,

(1) O *Paiz*, de 2) de Janeiro de 1885.

(2) A *Provincia de S. Paulo*, de 15 de Março de 1885.

é que espolinham os *Democritos* e os *Diderots*, a mascara, a covardia, a calumnia, o aleive ; é nelle que se conspurcam os kharacteres ; é nelle que se fazem insinuações perfidas como os beijos de Judas, lethíferas como as dentadas do aspide... E' a elle que descem os proprios redactores da folha quando não querem carregar lealmente com a responsabilidade do que escrevem !

Oh ! é aqui que se avilta, que prostitue de uma vez « o instrumento no bilissimo que só deveria ser empregado « na propaganda do justo e do honesto, do direito e da « liberdade (3) ! »

Sotoposto a esse antro soturno dos carrascos das reputações, por baixo dessas estrebarias de Augias, como que legalisando-as, offerece-se o *noticiario*, a outra parte editorial da folha, o outro altar do *augusto sacerdocio*, a outra larga janella donde se apregoam á mentalidade das massas os *verdicts* de seus orientadores...

Vinte e quatro noticias de pouco valor—umas, coitadinhas, por velhas, por batidas, por estafadas ; outras, por virem sem conselho, sem apreciação, sem commentario, pobres, esfarrapadas, nuas — eis tudo.

Uma *parte commercial* respigada nas folhas da côrte, e uma secção de annuncios completam, terminam, fecham este numero do maior, do *mais lido*, do *mais procurado* dos orgams paulistas de publicidade.

Artigo de redacção conciso, claro, sincero, verdadeiro ; folhetim espirituoso, fluente, scintillante de *verve* ; critica litteraria severa, justa, fecunda ; revista scientifica erudita, rica de factos, instructiva ; poesia, conto ameno obra de arte emfim, « esse cantinho da natureza espiado através de um temperamento » ; licção de propriedade no dizer, de vernaculidade de linguagem— nada disso se vá ahi procurar, porque nada disso existe ahi.

Um arrazoado longo e marralheiro, que atteste estar

(3) O *Paiz*, numero citado.

ao leme o *orientador da mentalidade*; uma dissertação de sciencia agricola; a *mofina* que é o escandalo, o imprescendivel escandalo; meia duzia de novidades sornas, e annuncios, bastantes annuncios, muitos, muitissimos annuncios de cousas boas, e sobretudo baratas, eis o que basta. Tambem para que mais? Que mais falta?

Ah! falta uma cousa que HAVIA ATÉ BEM POUCO TEMPO, e que hoje é apenas uma lacuna e uma saudade... Falta o auxiliar do *factor economico*, do *elemento social*, o pregão de quanto se dará a quem restituir ao tronco, ao *vira-mundo*, o *homem*, não, a *cousa viva e fallante*, de nadegas roidas pelo azorrague, de testa marcada pelo ferro candente... Falta o ANNUNCIO DE ESCRAVOS FUGIDOS... *Proh dolor!*

Uma imprensa assim desnaturada, assim chôcha, assim esteril, assim imprestavel, accusa em quem com ella se satisfaz uma mentalidade, não mal dirigida, não desorientada, mas estupidificada, bestialisada, atrophiada, eliminada até.

De quem a culpa?

Do povo?

Não: de seus orientadores.

O povo tem sêde de verdade, o povo quer lêr, quer aprender, quer tomar parte na gestão dos negocios publicos, quer influir nos destinos da nação. Vedam-lhe a entrada no convivio nacional, trancam-he as portas do salão, assignam-lhe o papel passivo de rebanho de Panurgio, e isso na rua; o povo cala-se, resigna-se, mas vinga-se, voltando as costas as mentores caricatos.

No tempo em que Americo de Campos escrevia os artigos flammiferos, demolidores do *Correio Paulistano*, essa folha era procurada, era lida, era devorada. Ao dizer quente do tribuno, sentia-se no espinhaço do leão popular, ignorante e bom, grosseiro e sincero, o fremito das santas indignações...

Era que Americo escrevia em raptos de verdadeiro entusiasmo, era que sem calculo politico, sem pretensão

a educador, sincero, inconveniente mesmo, dizia o que sentia, vasava no papel em phrase singella e clara aquillo que pensava, aquillo exactamente que tinha como a verdade.

Podia ser por vezes *sentimentalista* em excesso, im pensado, imprudente até; podia aconselhar a revolta, o motim popular; podia concitar a *arraia miuda a firmar direito* por suas mãos, a ir arrancar grades com que argentarios embellezavam as suas casas, usurpando pedaços de rua; podia ir além ainda, mas era sempre franco, sempre leal, sempre sincero.

Nesse tempo o povo lia e tomava interesse pelo que lia; educava-se.

Entre o jornal e povo estabelecia-se uma corrente dupla de idéias, endosmoſe e exosmoſe de pensamento, assimilação e desassimilação de principios, vida intellectual.

Mas em má hora veiu para a provincia um papão da imprensa da côrte, e, conhecendo a alta valia do escriptor paulista, chamou-o a si, estatelou-o em um leito de Procusto, reduziu-o ao silencio; e quando o julgou mudo e inutilisado, pôl-o á margem, como uma harpa estalada, como um alaude quebrado, como uma lyra sem cordas... Esse pontifice, esse Dalai-Lama jornalístico, que hoje na *Provincia* orienta a mentalidade da provincia, é o sr. Rangel Pestana.

Passo a estudal-o.

Não o conheço quasi como particular; poucas relações tenho com elle entretido; nunca fui a sua casa, e uma vez, em que elle me fez a honra de procurar em S. Paulo, não me encontrou, deixou-me o cartão.

E' como homem publico, exclusivamente como jornalista, que o submetto á minha analyse.

Faço justiça ao sr. Rangel Pestana: admiro-o até. E' um trabalhador valente, infatigavel, tenaz no seu

proposito, firme nos seus principios. Tem o dom terrivel da perseverança. E' de certo modo um homem de combate.

Mas é só isso; sinão veja-se.

Cheio de si, convencido de que suas opiniões politicas são determinadas por sua educação scientifica (4), julgando-se collocado no que elle chama *ponto relativo* do movimento social (5), certo de que, intervindo como elemento para formar-se a opinião, tem concorrido para a vida politica da provincia, e immodesto a ponto de o dizer (6), o sr. Rangel Pestana é um typo acabado de jornalista orgulhoso.

E' intolerante, é odiento.

Seu rancor partidario arrasta-o a injustiças de apreciação e a excessos de linguagem quando censura funcionarios de credo diverso (7). E si o contrariam em sua infallibilidade, si o funcionario malsinado *pede provas*, sua philaucia exagerada leva-o ao terreno da descortezia, e elle então torna-se impolido, enfurece-se, esbraveja, falla de seus direitos de jornalista, ameaça, insulta, fica energumeno (8)!

Quer sempre fallar *ex-cathedra*, como mestre, de ferula em punho, dogmaticamente.

Accusado por um companheiro, rebatido por um collega, *não desce* a defender-se, *não dá satisfações*.

Dous factos.

Os srs. Americo de Campos e Lisbôa, ao fundarem o *Diario Popular*, queixaram-se com amargura, francamente, em escripto impresso, de que após dez annos de convivencia sob a mesma tenda de guerra, tivessem sido *inesperadamente postos á margem* pela empreza da *Provincia*.

(4) *Provincia de S. Paulo*, de 15 de Março de 1885.

(5) *Ibidem*.

(6) *Provincia de S. Paulo*, de 3 de Janeiro de 1885.

(7) *Provincia de S. Paulo*, de 29 de Janeiro de 1885.

(8) *Provincia de S. Paulo*, de 31 de Janeiro de 1885.

Que respondeu o sr. Rangel Pestana aos camaradas valentes de uma campanha de tantos annos?

Nem uma palavra.

Na *chasse à courre* que me movem por amor ou antes por odio a estas *Cartas Sertanejas*, foram os redactores do *Diario Mercantil* aggredidos de modo indecoroso em uma mofina indigna. Reagiram os nobres moços e, positivamente, em palavras]terminantes; deram a paternidade da torpeza á redacção da *Provincia* (1).

Que respondeu o sr. Rangel Pestana a dous collegas que lhe faziam uma accusação gravissima?

Nem uma palavra.

Quão diverso é o procedimento do primeiro jornalista da America do Sul, de Quintino Bocayuva!

Em uma questão agitada pelo mesmo *Diario Mercantil*, julgando-se o digno cavalheiro mal comprehendido, desce á arena, attencioso e delicado, explica com lealdade o seu pensamento, elucida o assumpto, corteja os collegas, e sai bizarro, deixando a todos captivos pela hombridade do feito, pelas maneiras fidalgas.

Os nervos do sr. Rangel Pestana parece que desafinam com as franquezas brutaes, com as expansões inconvenientes, com as sinceridades ingenuas: pelo menos é o que se póde colligir dos factos.

Americo de Campos, *posto á margem* INESPERADAMENTE, isto é, *deslealmente*, já leva a pensar assim: mas ainda do bico da penna está a cahir uma interrogação — Não teriam influido para a retirada de Argymiro Galvão os terriveis artigos sobre o livro do dr. Benevides? Aquella dissecção fria, impiedosa, atheistica, iria bem com o organ de um partido que já declarou semi-officialmente que queria sim a destruição do throno, mas por fórma nenhuma a do altar?

Orgulhoso, tyrannico, reservado, frio, com uma von-

(1) *Diario Mercantil*, de 13 de Março de 1885.

tade ferrenha, inquebrantavel, o sr. Rangel Pestana tem sabido amoldar a seu geito o partido republicano paulista, que aliás tantas intelligencias de primor conta em seu gremio.

Gutta cavat lapidem non vi, sed semper cadendo; a verdade deste proloquio latino, comprehendeu-a bem o sr. Rangel Pestana, e, insistindo, cahindo, batendo sem intermittencia, sem repouso, sempre, elle o pensador meticoloso, o escriptor mediocre, o estylista enovelado, o politico retrahido, conseguiu a direcção suprema da mentalidade republicana: dirige homens que lhe são manifestamente superiores, administra, governa... reina!

O partido republicano paulista e o sr. Rangel Pestana têm um só pensar, formam um só individuo, hypostatizaram-se: o partido republicano é opportunista porque o Sr. Rangel Pestana gosta do opportunismo: o partido republicano faz transacções, porque em politica o sr. Rangel Pestana é transigente.

Outras idéias, outros modos de pensar tivesse um; outras idéias, outros modos de pensar teria o outro.

Não vai nisto desar para o sr. Rangel Pestana; vai honra, vai gloria. O homem que por esta fórma se impõe, que se torna necessario, que domina, não é um soldado réles, um factor desprezivel; é um chefe poderoso, é um elemento de opinião, como elle mesmo o diz. Não é um fraco, um vencido; é um forte, um triumphador.

Dos seus meios de acção, de suas armas de guerra, conheça quem quizer: as peças de convicção para esse estudo ahi estão vivas, actuaes, na celebre questão travada com a imprensa liberal, sobre a *coherencia republicana*.

O facto em sua brutalidade é que o sr. Rangel Pestana é o director supremo do partido republicano paulista.

E em mal, porque lhe cabe grande parte da responsabilidade pelo estado de scepticismo politico, de abatimento civico, em que se acha a provincia.

Sem cuidar de educar o povo, de proporcionar-lhe leitura adequada a seu estado de incerteza philosophica, de vacillação politica, de ignorancia em tudo, o sr. Rangel Pestana só lhe tem procurado *orientar a mentalidade* no sentido das tranquibernias eleitoraes, preparando-o para tomar ao sério a farçada ridicula dos nossos comicios, onde tudo se faz representar, menos a vontade nacional.

A imprensa, para ser uma alavanca de progresso, deve ser moralisada, imparcial, justa, uma sempre para com amigos, para com adversarios, para com todos ; deve esforçar-se por levantar o kharacter nacional, banindo o *testa de ferro*, o *anonymo*, obrigando cada um á responsabilidade de seus actos, como acaba de fazer a *Gazeta de Piracicaba*, pequenino semanario que por isso se tornou um colosso ; deve envidar todos os esforços para despertar no povo uma curiosidade salutar que o leve ao estudo, que o leve á comprehensão de seus direitos, deve derramar a luz por todos os meios, em tempo, fóra de tempo, insistentemente, obstinadamente, sempre ; deve *orientar a mentalidade* no sentido da concepção scientifica do universo, porque dessa concepção é que dependem, é que promanam todos os actos humanos ; deve emfim a imprensa ser tal que, examinada no estrangeiro, dê do paiz uma idéia elevadissima.

A *Provincia de S. Paulo*, synthese perfeita das idéias dos republicanos paulistas, não está neste caso: o sr. Rangel Pestana não é um benemerito. ,

Capivary, 24 de Março de 1885.



V

« *Me, me, adsum qui feci ; in me convertite ferrum.* »

VIRGILIUS, *Æneidos*, Lib. IX ; vers. 246.

Quando appareceu a minha segunda *Carta Sertaneja*, um escriptor republicano, abrigado pelo transparente pseudonymo *Democrito*, desceu á arena *gloriosa* da secção livre da *Provincia de S. Paulo*, não precisamente para contestar-me, mas para exhibir-se como sabio, fingindo que me derribava do pedestal invejavel em que elle mesmo houve por bem alcandorar-me.

Trabalhou o homem, deitou abaixo a livraria, e a golpes *positivos* de Comte, de Spencer, de Bain, de Hovelacque, de Holmes, e até de um romanista, cujo nome elle ignora, arremetteu contra mim e... contra a paciencia do publico.

Escreveu dez cartas, dez missivas compridas, dez epistolas estiradas, massiças, massudas, cheias, indigestas, formidaveis...

Que *escriptor*, santo Deus !

Não conhece logica, não tem estylo, não sabe grammatica. E' diffusivo, é pesado, é chato, é charro.

Em periodos de dezeseis linhas, sem descanço, sem pausa, de solecismo em solecismo, arrasta-se-lhe o pen-

samento brumoso, gerando em quem tem a constancia ferrenha de seguil-o, não a convicção, mas o somno.

E' um matagal de dormideiras.

E eu tenho de penetrar nesse labyrintho de Portuguez contuso e pedantismo parvoeirão, nessa cloaca litteraria para exhumar della a verdade desacordada que o mediocre feriu, e ahi lançou por morta.

Não consentirei que a toleima empavezada *escorregue para cima* á minha custa.

Vou direito ao escopo: não quero agora por arma a ironia fina, delicadamente mordaz, mimosamente atroz, artisticamente envenenada... Não: quero o realismo implacavel, feroz, brutal como um sócco que esmigalha um verme.

Faço calar a minha indignação: podendo ser severo, serei sómente justo.

Principio.

Os ataques de Democrito dividem-se por si em duas classes: accusa-me elle de ignorancia em materias de philosophia; accusa-me de plagiato litterario.

Vamos por partes—a minha ignorancia em materias de philosophia.

Em suas quattros primeiras cartas, e em grande parte da quinta, repetindo, repisando argumentos, articula Democrito:

1) que, segundo a opinião de Augusto Comte, « a educação exige um espirito de conjuncto que é indis-pensavel mesmo *sobre* os mais simples aspectos. »

2) que *não é* com o ensino de *todos* os ramos dos conhecimentos humanos indistinctamente que se obtem uma educação *universal*.

3) que eu não faço distincção entre conhecimentos abstractos e conhecimentos concretos.

4) que eu confundi lamentavelmente *sciencia* com *erudição*, e que eu exigi dos dous deputados republicanos

preparo não de *homens de sciencia*, mas de *simples eruditos*.

5) que as sciencias concretas ou de applicação nada têm que vêr com a universalidade de conhecimentos.

6) que eu falseei o pensamento de Comte, passando-o do abstracto para o concreto.

7) que, apesar de descer ao terreno concreto dos detalhes, passei em absoluto silencio a trigonometria, a geometria analytica e o calculo.

8) que a minha desconjunctada nomenclatura poderá ser tudo quanto quizerem meus admiradores, mesmo uma obra de genio ; não passando, porém, aos olhos dos homens melhor preparados e mais imparciaes, de um formidavel *embroglio*, verdadeiro attestado de um cerebro incapaz de qualquer generalisação scientifica ou philosophica, só proprio de um litterato pedante ou de um segundo Daniel Lambert.

9) que de tal nomenclatura acha-se arbitrariamente excluida a economia política.

10) que, exigindo dos dous deputados republicanos educação classica, solida, eu repeti uma banalidade de Garrett, repudiada hoje pelas primeiras auctoridades em materia de educação.

11) que o estudo do Grego e do Latim não tem utilidade, corroborando isso com uma citação de Bain.

12) que Michel Bréal condemna a educação classica em França, como uma fonte de perigo para o espirito e para o senso moral, por preocupar-se exclusivamente com a fôrma.

13) que as nossas emoções exercem grande influencia sobre nossa conducta, e que as festas republicanas impressionaram-me desagradavelmente.

14) que *ninguem se lembrou de dizer que os dous deputados republicanos eram verdadeiros homens de sciencia, a não ser eu*, para ter o prazer satanico de fazer mal.

15) que eu não sei si os dous deputados republicanos leram ou não Comte e Spencer.

16) que tambem deseja que as classes dirigentes, isto é, as que têm de exercer a funcção politica, tenham preparo scientifico.

Passo a responder ponto por ponto, o mais laconicamente possivel.

1

« A educação exige um espirito de conjuncto que é « indispensavel, mesmo sobre os mais simples aspectos. »

Pondo de parte o « *sobre os mais simples aspectos* », que me parece erro de Democrito na traducção das palavras de Comte; atendo-me ao « *espirito de conjuncto* », respondo: Estou de accordo, de perfeito accordo. E nunca eu disse o contrario. Affirmar que eu o fiz, é uma inverdade, é assacar-me um aleive.

2

« Não é com o ensino de todos os ramõs dos conhecimentos humanos indistidctamente, que se obtem uma « educação universal ».

Responda Carrilho Videira, o ardente propugnador da republica intemerata; responda Teixeira Bastos, o condensador portuguez da *Philosophia* de Comte:

« — P. Que significa instrucção ?

« — R. O conjuncto de *todas* as verdades e de *todas* « as noções scientificas tiradas dos factos pela observação « e experiencia (1).

Responda mais Pichard, o divulgador positivista, commendado por Littré:

«—P. em que consiste a educação positivista ?

«—R. No ensino *das noções fundamentaes das sciencias* « que nos levam á concepção positiva do mundo, e na appli-

(1) *Catecismo Republicano*, Lisboa, 1880, pag. 30.

« cação dos dados destas sciencias ao homem, pelo que res-
 « peita á hygiene e ao desenvolvimento intellectual, estheti-
 « co e moral.

« Este ensino *deve abraçar os factos geraes de TODAS as*
 « *sciencias principaes*, partindo da mais simples para a mais
 « complicada, de sorte que o espirito possua um conjuncto
 « coordenado, indivisivel, *de noções positivas sobre todas as*
 « *diversas ordens de factos* que o universo nos apresenta,
 « conjuncto que será o fundamento da razão, da esthetica e
 « da moral.

« A instrucção scientifica está hoje muito divulgada,
 « mas a maior parte das vezes é resctricta e especial. Ha
 « pessoas que, versadissimas nas sciencias inferiores, não
 « têm a menor noção de biologia, ou de sociologia; outras,
 « tidas como habeis em economia, em politica, em philoso-
 « phia, ignoram completamente as mathematicas, a astrono-
 « mia, a physica e a khimica. Os primeiros têm no seu espi-
 « rito um edificio solidamente assentado, mas por acabar,
 « ou, o que peor é, terminando com materiaes theologicos
 « ou metaphysicos, sem unidade, sem consistencia, fragil e
 « disparatado. Os segundos possuem a parte que corôa o
 « edificio *mas não têm nada real e estavel* em que o assen-
 « tem. Para uns e para outros ha *impossibilidade* de fundar
 « construcção acabada, solida e homogenea em todas as
 « suas partes; em uma palavra: incapacidade de chegarem
 « á concepção positiva do mundo (2).»

3

« Eu não faço distincção entre conhecimentos abstra-
 « ctos e conhecimentos concretos.»

Respondo—Faço.

As mathematicas, a physico-khimica, a bio-physiolo-
 gia, a psykologia moral representam *os conhecimentos*
abstractos, e as sciencias da malsinada nomenclatura são
 exactamente *os conhecimentos concretos*.

.....
 (2) *Doutrina do Real*, Porto, 1876, pag. 157—158.

Saiba Democrito que esta é a doutrina de um dos mais lidos, dos mais respeitados materialistas francezes ; é a doutrina de André Lefèvre.

Ouçá-se o mestre :

« Fóra da hierarchia das sciencias de observação, a ma-
« thematica, reduzindo á noção de quantidade os tres kha-
« racteres geraes de todo o objecto particular, numero, ex-
« tensão e movimento, offerece ao homem processos sim-
« plicadores que elle applica a todos os seus conheci-
« mentos.

« A philosophia geral se compõe dos *resultants geraes*
« obtidos *pelas sciencias concretas*, e resumidos pelas tres
« philosophias parciaes, Physico-Khimica, Bio-Physiologia,
« Psykhologia Moral. Nenhuma de suas conclusões pode
« contradizer as de seus componentes hierarkhicos, nem
« inverter a ordem natural da dependencia (3).»

4

« Confundi lamentavelmente *sciencia* com *erudição*, e
« exigi dos deputados republicanos preparo não de *homens*
« *de sciencia*, mas de *simples eruditos*.»

Não ha tal, eu não quiz que os dous deputados republi-
canos fossem *simples eruditos* : eu quiz que elles fossem
homens scientificos. Exigi delles *sciencia*, não exigi *erudição*.

Democrito é quem falla de *erudição* e *sciencia* sem
saber o que seja uma e outra cousa.

Aprender sempre : aprenda Democrito, e aprenda de
uma actoridade insuspeita, de Littré :

« ERUDITION, *s. f.* Savoir aprofondi dans les langues
« anciennes ou orientales, dans les origines des peuples,
« dans les inscriptions et les medailles, en un mot, dans
« tous les documents qui fournissent les matériaux a l'his-
« toire.»

« ERUDIT, SAVANT. Savant est le terme le plus général,
« désignant celui qui sait. Ainsi l'Académie des sciences est

(3) *La Philosophie*, Paris, 1879, pag. 424—425.

« composée de savants ainsi que l'Academie des Inscriptions
 « et Belles Lettres, mas ces deux ordres de savants sont bien
 « differents : *les premiers* s'occupent de mathematiques,
 « d'astronomie, de physique, de chimie, de biologie : *les au-*
 « *trs* s'occupent des langues des peuples anciens, de leurs
 « usages, de leurs monuments. etc.; et on les nomme des
 « ERUDITS (4).»

Então trata-se de confusão minha lamentavel, ou de ignorancia provada de Democrito ?

Desta maneira é que Democrito nega o meu criterio scientifico, para estabelecer o seu.

Tem coragem : falla do que não sabe, decide do que não entende com um *aplomb... invejavel !*

E o caso é que acha o sr. Lucio de Mendonça e outros, bons moços que o applaudem...

« *Un sot trouve toujours un autre plus sot qui l'admire.*»
 Adiante.

5

As sciencias concretas ou de applicaçãõ nada têm que vêr com a universalidade de conhecimentos.»

Responda Lefèvre.

« A concepção de Comte *não é pratica, não é conforme*
 « *ao methodo experimental* : põe o geral antes do particular,
 « o abstracto antes do concreto, a lei antes do facto. *Porque*
 « *não começar* pelo que se chama hoje « lição de cousas »
 « *pelas sciencias immediatas, descriptivas* ? Não são ellas o
 « *proprio fundo das sciencias abstractas* ? Estas, com muito
 « mais utilidade, virão classificar os conhecimentos adquiri-
 « dos, e resumir os traços geraes das diversas ordens de phe-
 « nomenos, alternativamente, quando preciso fôr.

« Ha na nomenclatura de Comte *uma lacuna estranha*
 « que parece uma *negação de justiça* : *as sciencias concretas*
 « *não figuram nella.*»

.....
 (4) *Dictionnaire de la Langue Française* o, articles ERUDIT
 et ERUDITION

6

« Eu falseei o pensamento de Conte, passando do abstracto para o concreto. »

E muito possível que isso tenha acontecido.

E que mal haverá si assim fôr ?

Sou eu por ventura escoliaste de Comte ?

Em materia de positivismo eu nem sequer sou dissidente, quanto mais orthodoxo !

7

« Passei em absoluto silencio a trigonometria, a geometria analytica e o calculo. »

Pois não mencionei eu mathematicas ? Trigonometria « geometria analytica o que vem a ser sinão calculo « a realisação das operações exigidas para resolver questões numericas, quer arithmeticas quer algebricas » ?

Não será a trigonometria uma parte da geometria ?

Que é geometria analytica sinão « a applicação da algebra á geometria ? »

Muito longe vae o pedantismo ! A muito se abalança o indouto que quer campar de sabio, o mediocre que se contorce para firmar reputação.

Mas, francamente, isto é desafôro : Democrito com certeza pensa que está em terra de Beocios, que os leitores da *Provincia* são sandeus.

8

« A minha desconjunctada nomenclatura poderá ser tudo « quanto quizerem meus admiradores, mesmo uma obra de « genio ; não passando, porém, aos olhos dos homens melhor preparados e mais imparciaes de um formidavel *em-broglio*, verdadeiro attestado de um cerebro incapaz de « qualquer generalisação scientifica ou philosophica, só « proprio de um litterato pedante ou de um segundo Daniel « Lambert ».

Respondo :— A *minha* nomenclatura não é minha, é

de Lefèvre (5); e a elle é que se dirige o *bouquet* de amabilidades ou, para fallar sem ironia, o esguicho de sandices.

9

« De tal nomenclatura acha-se arbitrariamente ex-cluida a economia politica ».

Respondo:— A nomenclatura é de *sciencias*.

Será *sciencia* a economia politica?

Responda ainda o insuspeito Pichard:

« — P. A economia politica é uma *sciencia*?

« — R. Não, porque os factos que ella estuda não estão sujeitos a leis immutaveis (6) ».

E mesmo quando fosse *sciencia*, não estaria comprehendida na sociologia, não seria uma provincia della?

Já se vê que a exclusão é justificada, e que arbitrio não ha sobre isto, sinão na phantasia obtusa de Democrito.

10

« Exigindo de homens publicos, de oradores, educação classica solida, eu repeti uma banalidade de Garrett, repudiada hoje pelas primeiras auctoridades em materia de educação ».

Banalidade!

Democrito, na sua myopia intellectual, na sua vasta insciencia, toma a nuvem por Juno, pensa que bradam por *abolição* os que sómente exigem *refórma*.

Attenda-se.

Em fins de Setembro de 1882, hontem, pôde-se dizer, escreveu *Guardia*, o grande medico, o grande humanista, o grande propugnador da instrucção publica em França:

« Compete á Escola Livre, que fundou a *instrucção classica sobre a instrucção primaria*, completar a nas obra (7).

(5) *Obra citada*, pag. 429.

(6) *Obra citada*, pag. 115.

(7) *L'Etat enseignant et l'Escole libre*, Paris, 1883, pag. X.

E mais :

« Parece difficil contestar que o abatimento profundo
« das lettras contemporaneas *deva ser attribuido*, entre
« outras causas *ao abatimento não menos profundo dos es-*
« *tudos* nas classes burguezas chamadas dirigentes (8).

E mais :

« A egualdade democratica vai por adiante e, si con-
« tinua a progressão, dentro de cincoenta annos, de vinte
« e cinco talvez, terá desaparecido todo o rasto *da antiga*
« *tradicção classica, da alta cultura litteraria* (9).

E ainda :

« Em que pensam os fanaticos que fallam incessante-
« mente de engrandecer e glorificar a patria pela escola,
« levando por diante o *sonho idiota* de transformar a
« *instrucção em aprendisagem*, e de cobrir a França de sar-
« gentos instructores e de contra mestres? (10) ».

E agora :

« Levantar com brilho os *estudos classicos* que estão a
« cahir, revivificá-los pela regeneração, no proprio instante
« em que se prepara o estado para acabar com elles, *fazer*
« *humanistas* apesar do bacharelado e do concurso geral
« *seria a melhor resposta ás tentativas dos desatinados*
« que nem dissimulam a intenção que tem *de decapitar*
« as casas livres de educação (11).

E finalmente :

« Si sois escriptor, orador, não haveis de desejar *com-*
« *metter esses erros, dar essas cincas*, que são o *justo castigo*
« *da ignorancia*, e das quaes hoje temos exemplos em de-
« mazia, vindos de cima. Taes *asnidad s* a ninguem recom-
« mendam, e quanto ellas se repetem pela bocca ou pela
« penna dos *auctoritarios* que lisongeam a democracia, mos-

(8) *Idem*, pag. 64.

(9) *Idem*. pag. 66.

(10) *Idem*, pag. 68—69.

(11) *Idem*, pag. 108.

« trando-se *utilitarios*, ha direito de perguntar si esses fabri-
 « cantes de erros historicos, *khronologicos* e outros, *não*
 « *quererão fazer vigorar um systema de instrucção que os*
 « *ponha inteiramente a' VONTADE diante do publico*, como
 « aquella raposa derrabada que entendia que as suas irmães
 « erravam em arrastar um appendice inutil e incommodo
 « (12).»

Relativamente a Democrito, como vai a calhar este si-
 mile da raposa derrabada !

11

« O estudo do Grego e do Latim não tem utilidade.»

Responda ainda Guardia :

« De que serve aprender as linguas antigas, pergun-
 « tam muitos. Para melhor saberem-se as modernas, po-
 « de-se-lhes responder. E não vai nisto paradoxo. Com
 « effeito, as linguas modernas são primitivas ou derivadas ;
 « e linguas primitivas só lucro podem ter em ser compara-
 « das com outras linguas, primitivas como ellas, mas immo-
 « bilizadas na morte : as linguas derivadas nunca hão de ser
 « bem entendidas sem as linguas mães (13).»

Não é tudo : as nações civilizadas têm uma litteratura
 « que representa as memorias do genio e do espirito nacio-
 « nal. Por mais originaes que as julguemos, essas littera-
 « turas resentiram mais ou menos a influencia das litteratu-
 « ras anteriores, quer pelas vicissitudes da historia, quer
 « pelo desenvolvimento da civilisação, segundo a lei fatal
 « de que o morto agarra o vivo. Ora a *tradição greco-latina*
 « mais ou menos alterada, *domina o mundo catholico-feudal*
 « *da meia idade, e governa TODAS as cabeças pensantes desde*
 « *os primeiros albores da Renascença* (14).»

« Como os moços comprehenderão, a famosa questão
 « dos antigos e dos modernos, si nem uns, nem a outros co-

(12) *Idem*, pag. 71.

(13) *Idem*, pag. 83.

(14) *Idem*, pag. 84.

« nhecem ? Vós não os separareis, fazendo a historia das
 « letras assim como não separareis o Grego do Latim, como
 « tendem a fazer espiritos limitados ou prevenidos, que só
 « se podem valer de sua *incompetencia*, deixemos este termo
 « brando talvez de mais, para justificar um erro enorme,
 « mais ainda, uma falta pesada e airremissivel em pedago-
 « gia. Sacrificar o Grego de coração alegre, sob o futil pre-
 « texto de que as duas linguas classicas não poderiam ser
 « ensinadas e aprendidas simultaneamente, não é só inscre-
 « ver-se de falso contra a experiencia dos seculos, como dar
 « o ultimo golpe nas humanidades agonisantes ; é assumir
 « uma responsabilidade que suppõe pouca reflexão e pouco
 « alcance de vistas (15).»

Whitney, o moderno, Whitney, o progressista, Whit-
 ney, grande professor do Yale-College, Whitney, um dos
 maiores linguistas do mundo, diz :

«As linguas e a historia dos gregos e dos romanos SERÃO
 « SEMPRE COMO SÃO HOJE, O FUNDO DE UMA EDUCAÇÃO LIBERAL
 « (16).»

Quem não sabe a arte não a estima, disse Camões,
 e disse uma verdade profunda.

Democrito não sabe Latim ; acabe-se com o estudo do
 Latim. Democrito não conhece uma letra grega ; para que
 servirá saber o Grego ?

Pois sem Grego e até sem Latim Democrito não é...
 Democrito ?

12

« Michel, Bréal inimigo da educação classica em França,
 « como uma fonte de perigo para o espirito e para o senso
 « moral, por preoccupar-se exclusivamente com a forma.»

Michel Bréal inimigo da educação classica ! O professor
 de *Grammatica Comparada* do *Collegio de França* inimigo

(15) *Idem.* pags. 86 e 87.

(16) *La vie du Langage*, Paris 1885 pag. 156.

da educação classica ! O traductor de Bopp, o autor do *Lesmots Latins*, o escriptor de ensino de livros classico, inimigo da educação classica !

Nunca se escreveu maior calumnia, nunca se estampou tamanho dislate !

Ouçã-se Michel Bréal :

« Quer a desgraça que as questões em França sejam sempre apresentadas de modo absoluto. Discute-se *si o Latim e o Grego são estudos uteis* ou *si é melhor supprimilos*. Poucos são, porém, os que indagam *si a maneira porque fazemos o estudo das linguas antigas é a melhor para obter o bom resultado que a sociedade tem direito a exigir d'elles*. Parece que se suppõe que o methodo de ensino usado em nossos lyceus é o unico possivel, e que a unica alternativa que se nos offerece é seguir-o ou renunciar ás linguas classicas (17).»

« Quantas pessoas sabem que a campanha empreendida em 1852 pelo padre Gaume, *contra os estudos classicos* já tinha, sido dada, não sem brilho, na Allemanha, de 1820 a 1825.

« A replica foi dada por excellentes *scholars* de modo, para responder a *taes arguições*. reproduzidas em França, basta traduzir as obras *que advogaram na Allemanha a causa da antiguidade classica* (18).

E Democrito ousa fallar em probidade litteraria ! Bréal inimigo da educação classica !

Decididamente o homem pensa que ninguem lê na Provincia de S. Paulo.

13

« As nossas emoções exercem grande influencia sobre a nossa conducta, e as festas republicanas impressionam-me desagradavelmente.»

(17) *Quelques mots sur l'Instruction Publique en France*, Paris. 1872, pag. 5.

(18) *Idem*, pag. 7.

Sim, senhor ; isto é a pura verdade.

As festas republicanas desagradaram-me horrivelmente ; em minha segunda *Carta Sertaneja* já eu fiz ver porque.

14

« *Ninguém* se lembrou de dizer que os dous deputados « republicanos eram verdadeiros homens de sciencia, a não « ser eu, para ter o prazer satânico para fazer mal.»

Não sei realmente que qualificativo merece quem isto affirma.

Compreendo agora a rasão do pseudonymo : mesmo para satisfazer o despeito, só de mascara é que um homem se abalançará a empregar meios destes !

Avalie-se a probidade de Democrito : é com provas irrefragaveis que eu o accuso de ser deshonesto no que escreve, de ser de má fé no que insinúa.

Leia-se o que em artigos editoriaes estampou a *Provincia de S. Paulo*, a folha em que Democrito se exhibè :

« Campos Salles reúne em si TODAS AS QUALIDADES NECESSARIAS para o bom desempenho do honroso cargo que « lhe pôde ser confiado.»

« *Pensador illuminado*, PERFEITO CONHECEDOR DAS « GRAVES QUESTÕES QUE SE AGITAM NO MOMENTO ACTUAL, etc. « (19) ».

« Como kharacter, COMO ILLUSTRACÃO e como politico, « o dr. Prudente de Moraes é um dos candidatos *mais dignos* « dos votos dos paulistas *que desejam manter as glorias de* « *seus antepassados* (20) ».

« Si não temessemos as hyperboles em politica, pode « riamos annunciar que os dous paulistas *valem uma* « *deputação inteira* (21) ».

« *Os talentos*, as convicções e A EDUCAÇÃO SCIEN-

(19) *Provincia de S. Paulo*, de 16 de Novembro de 1884.

(20) *Idem* de 27 de Novembro de 1884.

(21) *Idem* de 8 de Janeiro de 1885.

« TIFICA dos ILLUSTRES precursores da Republica, são « garantias da difficil, mas gloriosa missão, etc. (22)».

Verba volant, scripta manent.

Democrito não poderia ter deixado de lêr na sua querida *Provincia*, o que ahi fica citado: negou consciencientemente a verdade, negou um factó que sabia.

E ousa fallar em boa fé!

15

« Eu não sei si os dous deputados republicanos leram « ou não Comte e Spencer ».

Aqui está photographado o homem, o joven paladino da joven republica, o esperançoso Democrito!

Nada de classismo, nada de sciencias concretas, nada de erudição: Comte e mais Comte, Spencer e mais Spencer, eis o elixir de vida, eis a panacéa infallivel!

Comte para orientar, Spencer para ensinar a transigir, Comte para *educar* os dous deputados, Spencer para dar-lhes o diapasão da voz trovejadora de tribunos, e ahi está salva a patria, ahi está o que tapa a bocca aos preopinantes!

Viva Comte! *Hurrah for Spencer!*

Pois Democrito me ha de dar licença para que eu não partilhe « de seu enthusiasmo pelos dous grandes homens, « que reconheço como gigantes do pensamento, mas não « como directores infalliveis da mentalidade humana ».

Ambos têm falhas no systema philosophico, ambos têm sido com razão combatidos em erros graves de doutrina.

Roberty, por exemplo, censura acremente os sophismas de Herbert Spencer, e Lefèvre nos faz ver com que capricho, com que odio injustificado persegue o sabio inglez

a linguistica, sciencia que elle não conhece, e que se obstina em julgar por aberrações de Max Muller.

Da eskhola de Comte diz ainda o insuspeito Lefèvre :

« A lei dos tres estados, a hierarkhia das sciencias, o
 « altruismo e o officio religioso, *não justificam* as pretensões
 « da eskhola. Não sómente o *Positivismo* não é a philo-
 « sophia definitiva, mas *tudo que elle inventou pereceu*.
 « O que elle encerra de viavel e de são, o que lhe
 « communica uma virtude vivificadora, o que d'elle o
 « nosso seculo retem, é devido ao methodo experimental
 « e á longa serie de grandes homens que, desde Thales
 « até Augusto Comte, por intuições atrevidas, por apalpa-
 « dellas, por observações perseverantes, egualaram a
 « concepção do universo ao proprio universo, e fizeram
 « da philosophia a imagem, por assim dizer, da realidade
 « objectiva (23)».

16

« Tambem deseja que as classes dirigentes, isto é,
 « as que tem de exercer a funcção politica, tenham preparo
 « scientifico.

Muito bem ! Eis um desejo arrazoado, louvavel.

Mas, confessando Democrito, como confessou, QUE OS
 DOUS DEPUTADOS REPUBLICANOS NÃO POSSUEM CONHECIMENTOS
 SCIENTIFICOS, e, desejando, como declara, que os que têm de
 exercer a funcção politica os possuam ; é logico concluir
 que os dous alludidos deputados lhe não enchem bem as
 medidas, e que, na sua opinião d'elle, estão no parlamento
 um pouco sem merito para isso.

E assim sendo, porque tantas iras contra mim, que não
 fui a tanto, que só condemnei as multiplicadas thuri-
 ferações ?

Francamente, mas mesmo bem francamente, Demo-
 crito não passa de um charlatão de marca maior, de um

ingenuo, para não dizer um imbecil, que o que quer é arrotar conhecimentos, dispondo apenas de uma leitura indigestissima de meia duzia de obras de philosophia. Não tem criterio scientifico, não tem largueza de vistas, não sabe exprimir-se, não tem estylo, não tem correcção de phrase, não tem qualidade alguma das que recommendam um escriptor.

Quando se mette a repetir conceitos meus para ter graça, tentando *fazer espirito*, causa pena : não é ensosso, não é lorpa ; é lugubre.

Nesta longa carta fica provada a supina e vergonhosa ignorancia de Democrito, o seu requintado pedantismo, a sua impudica desfaçatez ; fica tambem indicada a má fé que o kharacterisa, e que eu em breve trarei de todo á luz.

Não escrevi para fazer alarde de sabenças : escrevi para chamar á ordem um pretencioso insolentissimo, cuja philaucia só em sua veneranda insipiencia acha parelha.

Em materias de philosophia, diga agora Democrito o que quizer : está provado que eu não devo perder tempo em responder-lhe.

Suspendo-lhe a razão : « em paz e ás moscas ».

Capivary, 7 de Abril de 1885.



VI

« *Me, me, adsum qui feci ; in me convertite
ferrum.* »

VIRGILIUS, *Aeneidos*, Lib. IX ; vers. 426.

Na passada carta patenteei a insipiencia profunda de Democrito, o seu irrisorio pedantismo, a sua protervia descommunal, a sua desfaçatez em alterar doutrinas, em negar actos provados, em sustentar disparates.

Ficou reduzido a pó o castello de sciencia dysenterica que elle arkhitectou manhosamente, trabalhosamente, suppondo que estava fundando á minha custa a sua reputação de sabio.

Hoje o caso é outro : trato de trazer á luz a puerilidade fraudulenta, a má fé simiana, a improbidade bestial de Democrito nas accusações graves que me faz.

Malsinando-me de plagiato litterario, articula elle em suas restantes cartas :

1) que nos *Traços Geraes de Linguistica* quiz eu fazer passar por minhas paginas e paginas copiadas de Pichard e de Hovelacque.

2) que muitas definições e exemplos da *Grammatica Portugueza* são copiados servilmente de Holmes, sem que uma unica vez eu cite o nome deste escriptor.

3) que eu tomei de Whitney a definição de grammatica e o respectivo commentario, e que apresentei como meu esse commentario.

4) que copiei sem criterio e litteralmente do paragrapho 43o do livro de Whitney o paragrapho 375 de minha grammatica.

5) que eu desprezei a critica do sr. Capistrano de Abreu, e que este senhor descobriu em meu trabalho atrazos indesculpaveis.

6) que eu não dei a ler a opinião de um celebre romanista de Munich, segundo a qual, « a minha grammatica não « veiu cumular a lacuna a esse respeito existente na lingua « portugueza : o que ha nella de mais importante já se « achava preparado pelos trabalhos de Adolpho Coelho ; « erro eu muitas vezes em referencias etymologicas ; nada « innovei na parte syntactica ».

7) que ha grande differença entre a minha grammatica e a de Bain.

8) que eu deduzo factos de leis, mandando lêr *Iphigénia* quando todas as boccas que fallam o idioma de Camões bradam *Iphigénia*.

Passo a responder ponto por ponto.

1

« Nos *Traços Geraes de Linguistica* quiz eu fazer passar « por minhas, paginas e paginas copiadas de Pichard e de « Hovelacque ».

Que eu tomei de Pichard e de Hovelacque varios trechos que figuram no livrinho é uma verdade ; que eu os quizesse fazer passar por meus, é uma calumnia.

Eu disse no *prologo* : « Quasi com o mesmo direito com « que nos rotulos de vinhos preciosos figura a firma dos en- « garrafadores, vai o meu nome na frente deste livrinho. Verdade é que são minhas *algumas* das investigações nelle

exaradas, que é minha *a exposição* : a maior e melhor parte
 « porem, *não me pertence* : *pertence aos mestres, cujos ensi-*
 « *namentos repeti*. CUJAS PALAVRAS POR VEZES TRASLADEI LIT-
 « TERALMENTE».

Ora quem diz que « a maior e melhor parte da obra *não*
 « *lhe pertence*, mas *sim aos mestres* cujos ensinamentos *repe-*
 « *tiu* » ; quem com hombridade confessa que « TRASLADOU
 « *por vezes* LITTERALMENTE palavras *alheias* » não quer attri-
 « buir-se a gloria que de taes ensinamentos, de taes palavras
 « possa resultar ; não é plagiario.

Insiste Democrito : « Diz Julio Ribeiro que a *exposição*
 « é sua ; *expôr*, a dar-se credito ao que se encontra nos
 « dictionarios significa—*explicar, desenvolver, explanar,*
 « *interpretar* ».

Respondo : é falso.

Expôr significa

a) segundo Moraes—*pôr á vista, mostrar, patentear.*

b) segundo Constancio—*pôr á vista, patentear, mostrar,*

c) segundo Aulete—*pôr á vista, mostrar, apresentar,*
patentear.

A significação de *explicar, interpretar* é secundaria, é figurada.

Assim pois quando eu disse que era minha *a exposição*,
 tive em mente, segundo o sentido proprio restricto, das pa-
 lavras empregadas, declarar ter sido eu *quem reunira em*
portatil livrinho, para apresentar ao leitor brasileiro, *ensi-*
namentos, dontrinas de varios mestres estrangeiros esparsos
 em diversas obras.

E o não citar eu Hovelacque e Pichard na lista que vem
 no *prologo* dos *Traços Geraes de Linguistica* nada importa :
 aquella lista não é de todos os auctores cujas palavras eu
 trasladei ; é dos auctores *a consultar* por quem quer conse-
 guir um conhecimento cabal da materia.

Democrito, para denegrir-me, para torcer as minhas
 palavras, não duvidou falsear a verdade, não trepidou em

attribuir aos dictionarios da lingua vernacula cousas que elles não dizem.

Descaramento!

2

«Muitas definições e exemplos da minha *Grammatica Portugueza* são traduzidos de Holmes, e todavia eu não menciono *uma unica vez* o nome desse escriptor.»

Parece bem fundada esta accusação de Democrito, e, para dar-lhe cabal resposta, preciso é que eu me alongue um pouco mais que de costume.

O plano de escrever uma grammatica portugueza vassada em moldes inglezes, concebi-o eu ha mais de vinte annos, no dia em que li o seguinte trecho de Garret:

«Já que não temos em Portuguez um só livro de Grammatica com senso commum, pediria aos nossos mestres e mentores que lessem e estudassem a insigne e transcendente obra do americano Lindley Murray, cuja applicação do Inglez para qualquer das linguas do occidente não é mui difficil. Ella não é certamente applicavel em tudo e por tudo á nossa lingua, mas em muitas cousas o é: e, quando só em poucas se faça, sempre ha de ser incalculavel o proveito (1)»

Desse dia em diante foi sempre plano meu fazer applicação da grammaticologia ingleza á lingua portugueza: nesse intuito, como, com o volver de tantos annos, se tivesse antiquado a obra de Murray, li dezenas de outras grammaticas inglezas, até que por conselho de meu sabio amigo Rev. G. N. Morton decidi a tomar como guia a grammatica de Holmes, adoptada no *Collegio Internacional* de Campinas.

Pelo que diz respeito ás definições da lexeologia, tomei-as eu quasi todas da *Grammatica Geral* do philologo

(1) *Da Educação*, pag. 225.

belga Burgraff. Mason forneceu-me a maneira de analysar os elementos da sentença, de combinal-os, de pôl-os em construcção.

Uma cousa mais que Democrito não sabe: o tractado de pontuação é tirado da *Lexiologie des Ecoles*, de Larousse.

De tudo isso eu nunca fiz mysterio : aos meus collegas e amigos communiquei sempre lealmente as fontes donde haurira os meus materiaes. A alguns, como por exemplo o dr. João Kopke, pedi observações de critica, e emprestei, para confronto e explanação do que eu dizia, além de outras, as grammaticas de Mason, de Whitney, de Murray, de Bullions, e até a conhecidissima de Holmés.

Porque então não declarei eu no prologo tudo isto?

Por uma razão muito simples : minha grammatica não tem prologo.

Mas, que tirei eu, finalmente, de Holmes, de Mason, de Burgraff?

A parte metaphysica, a parte dialectica, aquillo que eu não podia inventar, mesmo porque já estava inventado.

A este respeito desde Appollonio Dyscolo, desde Aristoteles, estão os grammaticos a repetirem-se : suas obras, em divisões e definições, têm sido sempre parodias umas de outras.

Demais esta parte metaphysica, dialectica, si fôr eliminada de uma grammatica scientifica não faz muita falta : Guardia na *Grammair Grecque*, Guardia et Wierzeyski na *Grammaire Latine*, Diez na *Grammtica das Linguas Romanicas*, Bopp na *Grammatica das Linguas Indo-Europeas*, Caix de Saint Aymour, cem outros grammaticographos, têm-se completamente abtido de taes noções, e nem por isso suas obras deixam de ser o que são—*text-books* de grammaticologia.

Si tudo o que eu tomei de Mason, de Holmes, de Burgraff, fosse expungido de meu livro, ainda elle seria o que é, uma boa grammatica portugueza.

Em repetir o que não pôde deixar de ser repetido não ha plagio litterario: repetindo Holmes, que repetiu Murray, que repetiu cem outros, eu não plagiei. Eu não podia arrombar portas abertas.

Quer saber Democrito o que ha de *meu* na minha grammatica?

Força-me ser immodesto: sel-o-ei.

Ha a divisão grammatical synthetizada na arvore synoptica, divisão de merito verdadeiro, divisão que *se não encontra em obra nenhuma*, que é *minha*, só *minha*, exclusivamente *minha*;— ha a phonetica e a prosodia portugueza aprofundadas, desenvolvidas, elucidadas como nunca o tinham sido antes:— ha o estudo *compl to*, *cabal* da orthographia, com a innovação *minha* de ser feito pelos elementos phonicos das palavras, e não por ellas proprias;— ha uma analyse minuciosa das fórmãs, dos accidentes morphicos das palavras, analyse elogiada até pelo romanista que se me accusa de não ter exhibido.

Na etymologia, sim, achei desbravado o terreno: segui a Diez e a Brachet, a Coelho e a Braga. Fui sectario fiel, paciente, consciencioso, e, uma ou outra vez, *completador*.

A minha syntaxe não offerece tantas innovações como a lexeologia, e nem poderia offerecer, salvo si me mettesse eu a forgiar preceitos para absolver sandices como « *Aquella nomenclatura foi que LHE enterrou* ».

O methodo do syntaxeologo é não deixar passar observação alguma de predecessor.

Esse merito, eu o tive: e tive tambem o de enriquecer o peculio vernaculo com varias regras minhas sobre os usos dos classicos.

Si meu trabalho não tivesse valor real, si fosse um labor mediocre, si constituísse um livro meramente bom, não teria sido louvado por Lefèvre e por Barbosa; não teria sido classificado como *superior* por Capistrano de

Abreu ; não teria sido collocado acima de todas as grammaticas portuguezas por Theophilo Braga e pelo conselheiro Viale.

Na opinião de Democrito é meu livro uma manta de retalhos, roubados a diversos escriptores estrangeiros !

Uma grammatica portugueza plagiada de grammaticas inglezas !

Stultorum numerus est infinitus...

Diz Democrito que eu não mencionei *uma unica vez* o nome de Holmes ; que copieei-lhe litteralmente as definições, sem ter a *benevolencia*, a *probidade* de cital-o em minha obra de folego.

Tive ha pouco de ser immodesto por amor da justiça ; por amor da sinceridade tenho agora de ser impolido.

Democrito MENTE.

Holmes está citado a pag. 68 da minha *Grammatica Portugueza*.

3

« Eu tomei de Whitney a definição de grammatica « e o respectivo commentario, e apresentei como meu « esse commentario ».

Esta accusação, fal-a Democrito nos seguintes termos : « Logo na *introducção*, no paragrapho primeiro, dá V. S. « definição de grammatica, e faz *imediatamente* uma « chamada para indicar que aquella definição é de Whitney, « e em *seguida* faz o *seguinte* commentario. (Este *seguinte* *seguinte* a *seguida* é puro estylo da côrte da rainha Ginga) :

.....

« Este commentario figura alli como um producto « genuino de sua observação. Está inteiramente desacom- « panhado de aspas, e nem a chamada a elle se refere. « Parece, pois, a quem lê que é de sua lavra particular, « tanto mais que a *chamada* se refere unicamente á defi-

« nição. Vê-se logo que, assim procedendo, foi sua intenção
 « excluiu-o, separal-o, apresental-o como uma peça aparte,
 « independente e original. Si essa não fosse sua intenção,
 « de duas uma: ou V. S. fazia a chamada no fim do
 « commentario, ou então collocava-o entre aspas. Nada
 « disse, porém, fez V. S. Creio, portanto, que não adultero
 « a verdade, afirmando que V. S. teve realmente a
 « pretensão de apresental-o como *original*, como seu,
 « unicamente seu.

Em tudo isto revela-se tanta leviandade, tanta parvulez, tanto cretinismo, que assombra.

Democrito nunca viu o livro de Whitney, nunca pegou na grammatica de Mason. Está jurando tontamente na fé de um informante que se diverte á custa d'elle, fazendo-o trucar de falso.

Ora veja-se.

A minha definição é « Grammatica é a exposição methodica dos factos da linguagem ». A de Whitney resa : « English Grammar is the description of the usages of the English Language.

Ha entre uma e outra, similhaça de concepção ; mas uma não é traducção da outra.

O que é de Whitney, realmente, é o commentario.

A *chamada* refere-se ao commentario, e só ao commentario.

Para referir-me a uma definição de *linha e meia*, quando muito, não necessitava de eu indicar DUAS PAGINAS.

A minha *chamada* refere-se ás pags. 3 e 4 do livro de Whitney.

O commentario com effeito acha-se nas pags. 3 e 4.

A definição completa contem-se em duas linhas da pag. 4.

Democrito foi bigodeado pelo seu Mentor !

4

Copiei sem criterio e litteralmente do paragrapho 43o « do livro de Whitney o paragrapho 375 da minha grammatica.

Diz o paragrapho 375 de minha grammatica: « A clausula adjectivo está sempre em relação attribuitiva com « um substantivo expresso ou subentendido, ao qual se « prende por meio de um pronome relativo».

Diz o paragrapho 43o do livro de Whitney: « The « adjective clause is introduced either by such a conjunction « as may also be called a relative adverb: namely *where*, « *whence*, *whither*, *when*, *why* », o que traduzido é: « A « clausula adjectivo é introduzida ou por um pronome relativo, ou aliás por uma conjunção tal, que se possa « chamar tambem adverbio relativo: especialmente, *ond*’, « *donde*, *para onde*, *quando e porque*.

Dizer que o meu paragrapho é traducção do de Whitney, com conhecimento de causa, seria o cumulo do despejo.

Democrito, porém, nunca enxergou o livro de Whitney: fiou-se no seu Mentor, e este bigodeou-o de um modo cruel, do modo que se está vendo.

Pobre cretino!

5

« Eu desprezei a critica do sr. Caspistrano de Abreu, e « este senhor descobriu em meu trabalho atrasos indes- « culpaveis».

Quem disse a Democrito que eu desprezei a critica de Caspistrano de Abreu? Desprezei porque?

Tanto não desprezei que modifiquei por ella a segunda edição de minha grammatica.

Democrito não viu a critica de Caspistrano de Abreu: o Mentor bigodeou-o mais uma vez.

Eis a critica:

« Chegamos um pouco tarde para fallar da *Grammatica*
« *Portugueza* de Julio Ribeiro. O livro já chegou ás mãos
« daquelles a quem era destinado, e estes já lhe deram o
« logar que elle merece. E' o EXFORÇO MAIS SERIO E MAIS
« FELIZ que ultimamente se tem feito no dominio de nossa
« lingua.

« Esta obra póde ser considerada como um trabalho
« philosophico, e como um trabalho grammatical. Conside-
« rada debaixo do ponto de vista philosophico, é *muito*
« *notavel*, porém é um pouco inconsistente.

« O auctor, que aliás conhece tão cabalmente os pro-
« gressos da sciencia de sua predilecção, em uns casos ainda
« acceita idéias antiquadas, como o verbo substantivo, ar-
« tigo como parte separada do discurso, etc. ; em outras
« apenas enuncia na syntaxe idélas que deviam ser expen-
« didas na lexeologia. Dahi certa falta de harmonia e de
« homogeneidade.

« Tambem é o mais que se pode dizer. « A DISTRI-
« BUIÇÕES DAS MATERIAS É SATISFACTORIA NO MAIS ALTO GRAU.
« O estudo das leis da transformação do Latim em Por-
« tuguez, como parte da etymologia e não da phonetica,
« É UMA INNOVAÇÃO PARTICULARMENTE VANTAJOSA. Ao mesmo
« tempo que permite considerar o assumpto em toda a sua
« extensão, deixa livre a phonetica para o estudo da pro-
« sodia e da orthographia. Os que conhecem a grammatica
« de Theophilo Braga, sabem que o distincto escriptor, não
« querendo romper com a classificação que adoptára, e,
« não podendo nella enxertar a orthographia, *viu-se obri-*
« *gado a deixal-a de parte*, e apresentar como unica regra
« a leitura de bons livros e os dictionarios.

« Considerada como trabalho grammatical, a obra de
« Julio Ribeiro NÃO É SÓ NOTAVEL, É SUPERIOR. E' um de-
« posito quasi *inexgotavel de investigações e sobretudo de*
« *meditações. Mesmo os que não são extranhos a esta*
« *ordem de estudos irão encontrar cousas não sabiam e*
« *nem suspeitavam.* Ainda aqui poderíamos fazer restricções

« e observações, mas são dispensaveis : nem alteram o valor
 « do livro de Julio Ribeiro, nem este é um jornal especial
 « em que estas questões possam discutir-se.

« Terminando a leitura de Julio Ribeiro, de envolta
 « com a *admiração que em nós provocou*, encheu-nos um
 « sentimento de tristeza.

« Eis um homem que, no centro de S. Paulo, não
 « poupou tempo, nem exforço, nem despeza para « ensinar
 « a seus naturaes o que de outrem não poude aprender ».
 « Este homem, porém, nem é lente do Pedro II, nem pro-
 « fessor da Escola Normal, nem membro do Conselho
 « Director da Instrucção Publica. Portanto o seu livro
 « não será adoptado, nem será lido e ficará no conceito
 « dos Garniers muito muito abaixo dos livros dos Mottas
 « *et reliqua*».

· Transcrevo sem pejo os encomios de Capistrano de
 Abreu : sei que os mereço.

Francamente, mas mesmo bem francamente, eu tenho
 pena da figura atrozmente ridicula que está fazendo nesta
 questão o pobre do Democrito : um trocista cruel metteu-o
 em cavallarias altas de grammatica e de linguistica...

Triste, triste.

Em todo o caso, quem o manda jurar *in verba magistri*?

6

« Eu não dei a lêr a opinião de um romanista de
 « Munich, segundo a qual minha grammatica... tem uma
 « infinidade de defeitos».

Como se chama esse romanista ?

Democrito não sabia, e desta vez tambem fica *in albis* o
 Mentor.

Que pandegos ! que grandes ratões !

O *romanista* é Karl von Reinhardstoettner.

Faz-me algumas censuras justas, que eu acceito ; e
 outras infundadas, que eu na segunda edição da minha
 grammatica combato. Faz-me tambem muitos elogios.

Diz, por exemplo :

« Julio Ribeiro submetteu-se de *um modo grato* ao trabalho de compôr uma *grammatica portugueza scientifica*, « e já não depend mos *exclusivamente* do resumo de Theophilus Braga.

« O valor principal deste trabalho está para nós, em « primeiro lugar, *no desempenho cabal* do que diz respeito á « *morphologia*, onde os nossos compendios, e tambem Diez « nos deixam em branco, ou pelo menos em duvida.»

« Na obra presente temos a *morphologia circumstancia-* « *damente tractada*.

« Com particular interesse acompanhará todo o conhe- « cedor da lingua portugueza a introduccão sobre a pronun- « cia, onde, *entre outras cousas dignas de nota*, se mostra « que a pronuncia ainda hoje em uso no Minho e em Traz- « os-Montes do *ch*, é a primitiva trazida para o Brazil pelos « colonos do seculo XVI, como Diez já o presuppõe.

« Bemvindo é o tratado sobre o genero : vê-se alli, con- « tra a opinião de Diez, que *planeta*, *cometa* são hoje do ge- « nero masculino e eram outróra do feminino.

« A formação do plural é exposta de um modo critico « e etymologico.

« Relações abundantes tornam a *morphologia extrema-* « *mente completa*.

« Quem desejar uma *grammatica escripta* por um filho « do paiz, um compendio que comprehenda *todas as fórmãs* « e *questões* da lingua manuseará COM SUMMO PROVEITO O « livro de Julio Ribeiro (2).»

E mais diz ainda que eu omitto por amor da brevidade.

Ora, quererá Democrito saber porque eu não dei á estampa em Portuguez este juizo tão cheio de benevolencias ?

(2) Traduzido obsequiosamente do allemão pelo sr. E. Henking.

Foi porque Reinhardstoettner não era, como não é auctoridade de peso ; porque a sua critica, apesar de *allema*, não tinha, como não tem, muito valor.

Diz delle o grande romanista italiano, d'Ovidio : « *Un scrittore superficialissimo e spropositato.—Non ha fatto fare il minimo passo a nessuna questione di grammatica portoghese, e molte volte non s'è neppur avvisto che questioni ci fossero.—I suoi primi lavori circa l'Italiano non eran buoni ad altro ch' ad ccitare l'ilarità.*» (3)

Democrito adduz contra mim a auctoridade de um escriptor e não sabe o que diz esse escriptor a meu respeito ; apresenta-o como celebridade em estudo de linguas românicas, e ignora o conceito em que o têm os especialistas da materia ; atira-o de encontro a minha pessoa como um ariete, e desconhece-lhe até o nome !

Honesto procedimento ! Honrado feito !

7

« Ha grande differença entre minha grammatica e a de Bain

Ha de facto : a delle é *ingleza* ; a minha é *portugueza*.

Eu só tive cenhhecimento da grammatica de Bain muito depois de estar passado a limpo o manuscripto da minha (4): todavia entre uma e outra existem notaveis pontos de contacto, e isso eu faço sentir no *prologo* da segunda edição do meu livro que se está a imprimir em Portugal.

8

« Deduzo factos de leis e mando lêr *Iphigenia*, quando « todas as boccas que fallam o idioma de Camões estão a « bradar *Iphigenia*».

(3) *Giornale di Filologia romanza*, Roma, 1880, Luglio, n. 7, pag. 118.

(4) Foi o sr. Capristano de Abreu que, tendo ouvido a leitura do manuscripto de minha grammatica, mandou-me da Corte o livro de Bain.

Que importa a etymologia? pergunta Democrito.

Neste caso importa pouco, respondo: si muito valesse « ella nesta questão, deveríamos ler *Iphigénia* e não *Iphi-
genia*. Em grego é *Iphigénia*.

Quem brada *Iphigenia*. em nome do bom uso antigo portuguez, é o padre Francisco José Freire, é a auctoridade de Candido Lusitano, que escreve:

« Com a mesma *viciosa liberdade*, com que estes fazem « longa a penultima syllaba dos sobreditos nomes, fazem « tambem breve as de outros que *constantemente a têm lon-*
« *ga*. Taes são *Abdolonimo, Arkhia, Arrio, Andronico, He-*
« *raclito, Iphigenia, Copernico, Gargáno, Cleobúlo, Car-*
« *dôna, Nacêra, Thessalonica, Seleucia, Samaria, Nicomedia*
« *Periphèria, Monomakhia, Helena* (posto que seja breve « entre os Gregos e latinos), *Concláve, Rubrica*, e outros « muitos *as quaes ERRADAMENTE se dá a penúltima breve (5)*».

O uso popular em materias de linguagem é auctoridade decisiva, *jus et norma loquendi*, quando a massa indouta e sensata do povo, em obediencia inconsciente ás leis da glottica, que afinal são leis physiologicas, altera a fórma das palavras matrizes.

Por exemplo: de *ovē* fez o povo romano-luso *ovelha*.

Verifica-se neste ultimo facto a observancia de cinco das leis glotticas que presidiram á transformação do Latim em Portuguez.

1) triumpho seleccional de uma forma de mais corpo: o diminutivo *ovicula* venceu a *ove*.

2) a queda da voz atonica: *ovic'la* de *ovicula*.

3) a persistencia do accento tonico latino; *ovêlha*.

4) o alongamento de *i* tonico em *e*: *ovêlha* de *ovic'la*.

5) a transformação do grupo phonico alterante latino *cl* no grupo romano-luso *lh*: *ovelha* de *|ovic'la*.

(5) Reflexões sobre a Lingua Portugueza, Lisboa, 1842, Parte Segunda pag. 21.

Quando quem legisla são os *soit-disant* eruditos, mette-se de permeio a ignorancia pretenciosa, e ahi começa o fervilhamento de fórmulas barbaras, pedantescamente litterarias, anti-glotticas, monstruosas.

Pois não se ouve a cada passo da boca *auctorisada* dos lentes da faculdade a esdruxula asneira *décano*?

O povo que observa sempre instinctivamente as leis da glottica, do ablativo latino *decáno* fez *deão*; os verdadeiros doutos portuguezes fizeram *decáno*; a academia ignorante e parvoeirona de S. Paulo fez *décano*.

E o caso é que não ha bacharel que não diga *décano*.

Razão tinha José da Silva Lisboa quando, combatendo o estabelecimento da faculdade de direito em S. Paulo, dizia entre outras cousas, que « a pronuncia incorrecta e « o dialecto desagradavel dos paulistas havia de influir « para que a mocidade adquirisse o mesmo defeito».

Quem de *decáno* faz *decano* tambem de *Iphigénia* faz *Iphigénia*: em ambos os casos foi violada uma lei capital da glottica, a da persistencia do accento tonico.

Basta.

Ahi fica Democrito na praça, despido do que lhe não pertence, vergastado pela verdade, em seu aviltamento de ignorante confundido, de charlatão apupado, de calumniador convicto...

Por misericordia deixo-lhe a mascara a cobrir, não o rubor do pejo, mas a pallidez do despeito.

Não retalio os insultos, o retrato torpe que esboçou, as insinuações perfidas que fez. Nem sequer contesto a visita que me *fez* em uma casa onde eu *nunca* morei.

Esmaguei-o com provas: abandono-o.

Deixo-o para nunca mais tomal-o ao serio. Não tem honestidade para que se lhe faça esse favor.

Em meu nome, em nome da verdade, em nome da dignidade publica sirva-lhe ainda uma vez de sentença a phrase de Garrett — EM PAZ E ÁS MOSCAS!

Capivary, 12 de Abril de 1885.



VII

*Me, me, adsum qui feci ; in me convertite
ferrum.*

VIRGILIUS, *Æneidos*, Lib. IX ; Vers. 426.

A logica dos factos é inexoravel.

O facto que vem prende-se ao facto que vai, como engranzam-se uns nos outros os elos de uma cadeia.

O que se está dando na Camara Temporaria com os dous deputados republicanos é o resultado inalteravel, fatal, do procedimento do partido na campanha eleitoral.

E' um prolongamento da farça.

O partido republicano paulista nunca poudes esconder bem a sua tendencia, a sua origem escravocrata.

Forçado, para não deixar falho o programma, a pronunciar-se sobre a questão servil, fê-lo dubia, tortuosa, machiavelicamente, procurando de maromba em punho, affirmar em theoria e negar na pratica, fingindo-se abolicionista e consagrando principios negreiros, dando ares de ceder á imposição dos tempos, e effectivamente resistindo á torrente.

Ainda hoje é assim que se pronuncia pela penna prolixa do sr. Alberto Salles, placitada pelo sr. Rangel Pestana.

Para o partido republicano a questão da emancipação
« — por mais energicas que sejam as paixões de momento,
« *nunca se pôde tornar movel principal de conducta po-
« litica* ».

A adopção do projecto Dantas foi uma modificação
forçada do programma, foi uma medida immoral do des-
carado opportunismo, foi um remendo de purpura pre-
gado temporariamente na bandeira negra do republicanismo
esclavagista.

De subito, quando menos se podia esperar, incohe-
rentemente, a idéia abolicionista foi arvorada em idéia
republicana, converteu-se em grito de guerra, em motto
de fogo, e brilhou nas circulars, fulgurou nas conferencias,
trovejou nos discursos da rua.

Hoje... volta ao que era dantes, a questão secundaria,
quasi indifferente, a idéia que « nunca pôde ser movel
« principal de conducta politica ».

Os republicanos paulistas hão de ser o que são, e
são o que sempre foram — escravocratas ferrenhos.

Com o seu procedimento na Camara ateiam os depu-
tados republicanos a indignação no peito dos intransi-
gentes, fazem sangrar o coração de José Bonifacio indigna-
mente illudido, zombam da opinião, escarnecem do
paiz...

Mas são deputados: o opportunismo refestella-se em
duas poltronas da Camara...

Io pæan! Io triumphe!

.....
.....
Lê-se na *Gazeta de Noticias* de 9 do corrente :

« O SR. ZAMA pondera que o sr. presidente pôde
« de momento verificar si o projecto foi considerado
« objecto de deliberação, e lembra que pode sem infracção
« do regimento, ser dado para a ordem do dia de segunda-
« feira, dividindo-se em duas partes a ordem do dia.

« Passa-se á ordem do dia.

« Votação do parecer annullando o diploma conferido
« ao dr. Severino Ribeiro, e reconhecendo deputado pelo
« 3º districto do Rio Grande o sr. Barbosa Itaquí.

« Indo-se proceder á votação, reconheceu-se não
« haver numero legal para votar.

« Feita a chamada, verificou-se terem-se retirado do
« recinto os srs. CAMPOS · SALLES, PRUDENTE DE
« MORAES, Silva Maia, L. Bulhões, R. da Luz, Dias
« Carneiro, B. Mendonça Sobrinho, Justiniano Chagas,
« Diogo de Vasconcellos, Leandro Maciel, Olympio Campos,
« barão da Leopoldina, José Pompeu, Bento Ramos, Ro-
« drigues Alves, Leitão da Cunha e Felicio dos Santos.

« O SR. AMARO BEZERRA, vendo que a *tramoia* está
« fazendo parte do direito commum em politica, pede
« que consignem na acta e que se publiquem no *Diario*
« *Official* os nomes dos srs. deputados que se retiraram
« do recinto.

« Quer que fique bem patente que os conservadores,
« depois que o sr. ministro da guerra pediu que se dêsse
« o projecto de 15 de Julho para a ordem do dia de
« segunda-feira, lançaram mão da *tramoia* contra o go-
« verno, para impedir a discussão».

Lê-se em o numero de 11 da mesma folha :

« Depois, o que houve de mais notavel foi a repetição
« da *tramoia* dos bois de couce.

« Annunciada a votação de um requerimento do sr
« José Mariano, para ser admittido a defender a sua eleição
« o candidato pelo 8º districto de Pernambuco, os conser-
« vadores retiraram-se do salão, para não votarem esse
« requerimento, nem o parecer que reconhece o sr. Pereira
« da Silva.

« Feita a chamada verificou-se que se haviam retirado
« os srs. : Henriques, Carlos Peixoto, Dias Carneiro, Silva
« Maia, Justiniano Chagas, Besamat, Anysio, Bento Ramos,

« Duarte de Azevedo, barão de Anadia, B. Mendonça, Al-
« coforado Junior, Soares, Alfredo Chaves, Leandro
« Maciel, barão da Leopoldina, Gonçalves Ferreira, Coelho
« e Campos, PRUDENTE DE MORAES, Ribeiro da Luz,
« Araujo Pinho, Olympio Campos, barão de Guahy, Delfino
« Cintra, Rodrigo Silva, Sinimbú Junior, Werneck, Thomaz
« Coelho, Castrioto.

« O abuso deste expediente vai-se tornando perfeita-
« mente indecoroso.

« Abusando das circumstancias especiaes em que se
« acha a Camara, procurando por todos os meios pôr
« embaraços ao governo, com intuito de de o derru-
« barem antes de entrar em discussão o projecto do
« elemento servil, sobre o qual não querem pronunciar-se,
« recusando-se a reconhecer deputados que têm as suas
« eleições até approvadas pelos seus co-religionarios, os
« conservadores da Camara rebaixam todos os dias as
« tradições do seu partido, e o compromettem perante
« o paiz, que vê nas tramoias por elles empregadas a
« confissão da sua fraqueza ou da sua deslealdade como
« partido de combate.

« Além de irregular e pouco decoroso, o procedi-
« mento dos conservadores é ainda inepto. As tramoias
« não lhe dão mais força numerica, nem mais prestigio,
« para se apoderarem do poder. O que não fizeram
« hontem, o que não quizeram fazer hoje, isto é, reco-
« nhecer deputados legitimamente eleitos, porque são
« abolicionistas, hão de forçosamente fazel-o amanhã ou
« noutro dia. Não ganham, perdem tempo com as tramoias.

« E, depois, talvez que, si persistirem nesta attitude
« intransigente e obstruccionista, concorram ainda para
« que esta situação, emaranhada e perturbada por elles,
« seja resolvida pelo unico meio que se nos afigura
« merecer o apoio da opinião publica — uma nova dis-
« solução.»

São de Valentim Magalhães estes sangrentos humo-
rismos :

« Por mais preparada que a gente esteja para não
« se admirar de nenhuma *tramoia* nova, por mais dispo-
« sição que se tenha para levar toda esta pachuchada a
« rir, afinal a paciencia exgota-se, e não ha remedio sinão
« tomar a cousa a sério.

« Ora, façam-me o favor de dizer francamente que
« nome se deva dar ao que se está presentemente passando
« na Camara dos Deputados?

« Ha mais de um mez que foi aberta, com toda a
« solemnidade e papos de tucano adjacentes, a magna
« sessão legislativa, extraordinariamente convocada para
« o fim unico de resolver sobre o projecto do governo
« sobre o elemento servil.

« Entretanto, até hoje têm os nossos augustos gas-
« tado o seu tempo e o respectivo subsidio na mais es-
« candalosa e completa vadiagem de que ha noticia nos
« fastos parlamentares.

« Até aqui era o governo que, não tendo ainda pre-
« parado para o combate decisivo toda a sua gente, e
« não querendo com razão levar um cheque mortal em
« alguma escaramuça occasional ou sortida imprevista,
« até aqui era o governo que dava para ordem do dia
« na Camara o *dolce far niente*. Mas ante-hontem o governo,
« por intermedio do ministro da guerra—o que foi correcto,
« tratando-se de um plano de batalha—pediu que fosse
« substituido na ordem do dia aquelle grato assumpto
« pelo seu projecto abolicionista.

« Isso queria dizer : — Treguas á paz ! Fira-se o
« prelio !

« Pois bem, apesar disso, continúa a malandragem
« legislativa. Agora são os senhores da opposição que a
« impõem.

« Logo que se approxima o instante de entrar em
« fogo — pernas para que vos quero?...

« E por aqui vão elles !

« A 3 de Maio encerrar-se-á a sessão ; ha, portanto,
« apenas 15 dias, descontados os sabbados e os domingos,
« para que a augusta e divertidissima Camara se pronuncie
« sobre a materia unica para que foi exclusivamente
« convocada.

« A continuarem as cousas por este modo, acabará
« a sessão como principiou, sem que nada, absolutamente
« nada, se tenha resolvido ou siquer adiantado sobre o
« projecto Dantas.

.....
.....
.....

« Palavra de honra que diante deste vergonhoso estado
« de cousas a unica expressão propria para definil-o é
« aquella que foi empregada ante-hontem por um dos
« mais illustres representantes da nação, em plena sessão
« da Camara :

— Ora bolas !

« A expressão não é talvez digna e sisuda ; mas é par-
« lamentar.

« Valha-nos ao menos este consolo de poder responder
« á Camara com as suas proprias palavras :

« — Ora bolas ! »

Estas recriminações justas, esta flagellação publica,
toda esta severa punição, merecem-na os conservadores
que estão em reluctancia aberta ás aspirações do paiz,
aos clamores da humanidade, ás exigencias do seculo.

Merecem-na tambem os republicanos ; merecem-na
ainda mais, porque aggravam o crime com a hypocrisia.

Votam contra o reconhecimento de deputados abo-
licionistas, reconhecem deputados escravocratas, fogem
com manha á votação para não haver casa, combatem

por todos os meios a idéa do projecto Dantas ; depois incoherentemente, hypocritamente dão ao governo dous votos neutralizados, vencidos de antemão, e deitam discurso liberdadeiro — um cumulo !

E as justificativas das faltas !

Procuram innocentar-se de uma omissão culposa, de um crime politico com uma desculpa banal, de menino que foge ao mestre — com um incommodo afflictivo!!!

Que oceano de irrisão comica nestas quatro syllabas *af-fli-cti-vo*.

Em boa hora, *opportunamente* veio o *afflictivo* incommodo.

.....

 O discurso do sr. Campos Salles nada quer dizer: phrases não valem contra factos.

A rhetorica do nobre deputado está em contradicção com seu modo de proceder.

Observação importante — este tem alcance ; aquelle, não.

« Os deputados republicanos, diz a *Provincia*, já de-
 « clararam pela imprensa da Côrte que não se retiram do
 « salão da Camara com o fim de não votar »... *Eppur si muove* : retiram-se.

O sr. Campos Salles retirou-se *mais uma vez*, diz a *Gazeta* de 15.

.....

 A logica dos factos é inexoravel.

Os republicanos votam abertamente, quasi ostentosa-
 mente com os conservadores, com elles fogem á votação,
 têm com elles interesses communs, em tudo são soli-
 darios...

Passaram-se de vez com armas e bagagens para o campo do aliado...

E fallam em bandeira republicana, em soldados da democracia, em combates da liberdade, em reductos da escravidão... Tartufos!

Tambem a imprensa já os não distingue : sem se embaraçar muito com os tropos que elles empregam em falta de melhor, chama-lhes simplesmente *conservadores*.

Ave, republica.

Capivary, 18 de Abril de 1885.



VIII

« *Me, me, adsum qui feci; in me convertite ferrum* ».

VIRGILIUS, *Æneidos*, Lib. IX; vers. 426.

Na guerra que me move está-se desconceituando cada vez mais a republica paulista: os meios de que lança mão são ignobeis.

Bem dizia eu que após a calumnia litteraria tinha de vir a calumnia moral.

E veiu.

Veiu tambem o insulto desbragado.

Do Rio Claro escreveram para a *secção livre* do *Diario de Campinas* um artigo em que se affirma

1.º) que eu em religião fui catholico, depois presbyteriano, e que hoje sou atheu.

2.º) que em philosophia fui metaphysico, depois positivista, e que hoje sou materialista.

3.º) que em politica fui coaservador, depois liberal, e que hoje sou republicano.

4.º) que estou sob a immediata protecção do sr. coronel Delphino de Carvalho.

5.º) que em Campinas castiguei a chicotadas um escravo de minha mãe, o qual, revoltando-se, avançou para mim de faca em punho.

Respondo :

1

E' verdade: fui catholico, fui presbyteriano, sou atheu.

A criação fez-me catholico; a leitura da Biblia separou-me de Roma; a razão tornou-me incredulo.

O meu crime é ser sincero, é não esconder a impiedade; é não andar como muito atheu que conheço, de opa, de balandrau, prostrado pelas igrejas.

« *Combien sont rares ceux qui ayant cessé de croire, ont jeté noblement leur froc ou leur robe aux orties* (1)».

A estes pertença.

2

Nunca fui metaphysico e muito menos positivista: o materialismo foi sempre a minha philosophia, foi a pedra de escandalo em que se esmigalharam as minhas crenças.

3

Nunca fui conservador. Militei com os liberaes historicos em Lorena, mas já pregáva idéias republicanas. Em 1867, um anno antes da ascensão do ministerio Itaborahy, e quasi tres antes do manifesto da Côrte, declarei-me republicano em um artigo que, sobre o presidente Juarez, escrevi no *Parahyba* de Guaratinguetá. Meu venerando amigo, o exm. barão de Tremembé, disse-me, não ha muito, ter sido eu o *primeiro republicano brasileiro* que elle conhecera. Em Sorocaba aggremei o

(1) GUARDIA, *L'État enseignant*, pag. 114.

partido, e por quasi dous annos sustentei com sacrificios inauditos uma folha republicana, em cujas columnas, desde o dia 25 de Janeiro de 1872, não se admittiram annuncios sobre escravos fugidos.

4

Não vivo sob a protecção immediata ou mediata de quem quer que seja.

Honro-me muito com a amizade do prestimoso e popularissimo chefe liberal, coronel Delphino de Carvalho; mas não lhe devo favor algum, a não ser o da delicadeza com que me tracta.

O obsequio de uma ama para uma filha minha doente, não o prestou elle a mim, mas a um parente de minha mulher, o sr. Antonio Pompeu Paes de Campos.

5

Nunca dei de chicote em quem quer que fosse.

O escravo alludido, pertencente a minha mãe, é ainda um rapazinho: quando veio para Campinas tinha onze annos. Criei-o como filho, considero-o livre, NUNCA lhe bati.

Basta.

Accusações destas só desdouram a quem as faz.

Outro assumpto — a *Provincia*.

Para obrigar-a a reproduzir pelas suas columnas editoriaes, ás claras, o que já dissera pela secção livre, sob pseudonymo, provoqueei-a de modo que lhe doesse.

Escrevi a *pathologia*.

A *Provincia* sentiu-se, e veiu, e insultou-me, e fez as insinuações perfidas do costume.

Mostrou-se a descoberto.

Na resposta amarga e lastimosa, que deu aos meus commentarios, diz o redactor da *Provincia* que seu fim não é travar polemica com o professor de Capivary.

Muito bem: nem tampouco é escopo do professor de Capivary sustentar referta com o redactor da *Provincia*.

Que gloria teria Julio Ribeiro em vencer o sr. Alberto Salles?

Não foi por ostentar sabença que notei erros palmares de grammatica e desconchavos pueris nos editoriaes da *Provincia*: foi, como já disse, para ferir-lhe a vaidade, e obrigar-a a descobrir-se.

Consegui o fim, abandono o meio: não escrevo mais a *pathologia. Jubilate!*

Algumas considerações, poucas, antes de terminar.

Diz a *Provincia* que eu por indole ou por habito chamo sempre as questões para o terreno das individualidades.

E' impagavel a *Provincia*.

Pois si foi ella quem chamou a questão para esse terreno!

Descobriu-me os *plagios*: eu desnudei-lhe as *originalidades*. Estamos pagos.

Por andar a revirar-lhe os editoriaes chama-me a *Provincia* cerdo. Tem razão: é o nome que merece quem se atreve a mecher *naquillo*.

Nesta provincia tenho eu passado toda a minha vida de cidadão com direitos politicos: de 1866 a 1868 residi em Lorena; de 1868 a 1870 em Taubaté; de 1870 a 1876 alternativamente na capital, em S. Roque e em Sorocaba; de 1876 a 1882 em Campinas; de 1882 até hoje em Capivary.

A minha vida publica é notoria: a particular, franqueio-a eu.

Entre a *Provincia* sem cerimonia, diga o que poudesaber, accuse, cite factos, prove-os; não faça insinuações.

Quanto ao desforço pessoal, tenho a dizer— é mau recurso ; pelo jornal theoreticamente, é ridiculo ; na rua, praticamente, é perigoso. *Quod parat exitium interdum ipse subit*, diz o proverbio latino.

.....

.....

Nestas considerações sobre o desatinado editorial da *Provincia* de 22 ha a transparecer uma brandura que não está muito nos meus habitos de polemista.

E' filha da commiseração que me inspira o paladino inepto que, de desacerto em desacerto, deita a perder a causa que defende.

Veja-se.

Com a publicação das *Cartas Sertanejas* produziu-se um rumor insolito, estimulou-se a curiosidade, agitou-se a opinião.

Porque ?

Porque davam ellas ao publico o que a imprensa lhe não tem dado — a verdade formosissima em toda a sua casta nudez, em todo o seu brutal fulgor, em todo o seu deslumbrante atrevimento...

Não tardaram os applausos.

Saudou-me a penna elegantissima e independente de Henrique de Barcellos ; Valentim Magalhães apresentou-se-me em frente á tenda de guerra, a dar-me o *salve* de camaradagem...

O *Correio de Campinas* transcreveu as minhas cartas ; transcreveu-as tambem o *Paulista*, precedendo-as de scintillantes commentarios ; o *Diario do Commercio* recomendou-as ; em toda a parte foram procuradas com afan, lidas com avidez, devoradas...

Sob o pseudonymo *Democrito* sahiu a campo a redacção da *Provincia*.

Os meios empregados levantaram logo brados de indignação : eram baixos.

Pela *Gazeta Liberal*, pelo *Correio e Diario de Campinas*, pelo *Paulista*, pelo *Diario Mercantil* surgiram protestos de amigos e de companheiros, de indifferentes e de desconhecidos.

Revoltava-os a indignidade do feito.

Em tempo, paulatinamente, methodicamente, esmaguei, reduzi a pó as arguições com que me feriam.

A *Provincia* calou-se, guardando no peito todo o fel da derrota.

Estimulada por mim que puz-lhe a nú algumas das muitas carepas do estylo arrastado, sahiu mais uma vez a campo, e em seu numero de 22 escreveu... o que alli está.

Naquelle terreno é que eu desejo os meus adversarios desleaes.

Contorçam-se para alli, dêem guinadas, arreentem. Divertem-me, e divertem o publico.

O *Correio de Campinas* já disse que estão merecendo ás honras de *bis*.

Bravo!

Capivary, 25 de Abril de 1885.



IX

« *Me, me adsum, qui feci ; in me convertite
ferrum* ».

VIRGILIUS, *Æneidos*, Lib. IX ; vers. 426.

Em um artigo que na secção livre do *Colombo* escreveu contra mim um tal sr. Lucio de Mendonça, destaca-se a seguinte phrase : « *Sabio a titulo negativo, por não ser bacharel.* »

Prescindindo inteiramente da pessoa do auctor do artigo, tomo em consideração a phrase citada.

E faço-o, porque exprime ella um modo geral de sentir entre nós outros, uma opinião profundamente arraigada.

Com effeito, relativamente a conhecimentos scientificos, *não ser bacharel* é um titulo *negativo* ; *ser bacharel* é um titulo *positivo*.

O bacharel a que se allude na phrase tautologica mas verdadeira, é o bacharel em direito.

Ora bem.

E' mesmo assim que pensa a sociedade brasileira ; o mundo latino em peso, dir-se-ia talvez melhor.

E haverá razão ?

E' o que se vai ver.

A sociedade européa khristã da idade media, a partir de Carlos Magno, foi dirigida pela *universidade* de mãos dadas com a *egreja*; pelas *Pandectas* escoradas nas *Es-crituras*; pelo *legista* que se abordoava no *padre*.

Pouco a pouco o homem dos *degredos* começou a dispensar a collaboração do homem da *summa theologica*: afinal tornou-se independente.

Trabalhando por si, enxertou elle nos codigos a maxima de S. Paulo — *non est potestas nisi a Deo*;— concebeu, traduziu em facto, consolidou a monarchia absoluta; fez ver ao rei que tudo lhe era permittido; metteu-lhe nas mãos o direito de criar fidalgos: deu D. João I a Portugal, e Luiz XI á França.

Esse *cavalleiro em direito*, como lhe chama Michelet, ao passo que, para fortificar o sceptro do rei, destemperava a espada do nobre, tambem demolia o papado e desmoralisava o sacerdocio.

A reforma do seculo XVI e, consequencia fatal della, o movimento anti-khristão e até atheistico dos fins do seculo passado, completaram-lhe a obra, e inutilisaram de uma vez o padre, a golpes de theologia, a baldadas de ridiculo.

O legista ficou só.

Astuto, previdente, pouco sabido em materias de sciencia e de erudição, porém versado nas intrigas do fôro, habituado á tactica do processo, habilissimo, fingiu-se elle mais atrazado que era na realidade, para não assustar os espiritos vulgares; incredulo, mas metaphisico, cedendo manhosamente ao que tinha forças para resistir, seguiu de longe a evolução dos tempos, torcendo-a, encaminhando-a, dirigindo-a sempre que poudes.

Rabelais esboça-lhe o retrato a pastadas de ridiculo:

« N'est-ce mieux ouir par leur vive voix leur debat,
« que lire ces babouilleries ici, qui ne sont que trom-

« peries, cautèles diaboliques de Cepola et *subversions*
 « *de droit*? Car je suis sûr que vous et tous ceux par
 « les mains des quels a passé le procès, y avez machiné
 « ce qu'avez pu, *pro et contra*: et au cas que leur con-
 « troverse était patente et facile à juger, *vous l'avez*
 « *obscurcie par sottises et déraisonnables raisons et ineptes*
 « *opinions* d'Accurse, Balde, Bartole, de Castro, Imola,
 « Hippolytus, Panorme, Bertachin, Alexandre, Curtius
 « et ces autres vieux mâtins, qui *jamais n'entendirent la*
 « *moindre loi des Pandectes*, et n'étaient que gros veaux
 « de dème, *ignorants de tout ce qui est nécessaire à l'in-*
 « *telligence des lois*. Car comme il est tout certain, *ils*
 « *n'avaient connaissance de langue ni grecque, ni latine;*
 « *mais seulement* de gothique e barbare. Davantage, vu
 « que les lois sont extirpés du millieu de philosophie
 morale et naturelle, *comment l'entendront ces fuos qui*
ont, par Dieu, *moins étudié en philosophie* QUE MA MULE?
 « *Au r gard de lettres d'humanité et connaissance des*
 « *antiquités et histoires, ils en étaient chargés*, COMME
 « UN CRAPAUD DE PLUMES.»

Desse ignorante mas arguto fautor da monarkhia absoluta, d'esse tenaz mantenedor de principios abstractos, d'esse terrível esgrimidor de chicana manhosa, foi que evolueu-se por filiação historica o *advogado* actual, *jurista* moderno, O BACHAREL EM DIREITO.

O cadinho refractario, em que se fundiram e confundiram os elementos organicos d'esta entidade social, foi a philosophia metaphysica, especie de mediador plastico, ponte deista lançada entre a orthodoxia do seculo XVI e o atheismo hodierno.

Producto genuino de dous factores medievaes, o bacharel em direito resente-se, e por muito tempo ainda se ha de resentir dos vicios de sua procedencia. Por atavismo sociologico reproduz muitas vezes traços kharacteristicos de Accucio e de Bartholo, de João das Regras e de Enguerrand de Marigny.

Crete em um ser supremo, eterno, onisciente, omnipotente, omnitudo ; crete em uma alma incorporea, immortal, dotada de livre arbitrio ; crete em justiça absoluta, em bem absoluto, em bello absoluto, em entidades de razão, incondicionaes, *a parte rei* — e todavia, sorrindo-se mephistophelicamente incredulo, aos dogmas revelados, em cujas exterioridades liturgicas toma parte por conveniencia, eis como se apresenta, a orientar e a governar a sociedade moderna, o amigo do rei em todos os tempos, o senhor *par droit de conquête* e tambem *par droit de naissance*, o herdeiro, o successor do antigo *legista*, o *bacharel em direito*.

E domina, governa, administra desembaraçadamente, desempedidamente, sem estorvos, sósinho.

No Brazil, como magistrado nato exerce elle o poder judicial ; toma assento nas duas casas do parlamento, e chama a si o poder legislativo ; faz-se ministro de estado, e agadanha o poder executivo... Dos poderes de que resa a Carta só lhe escapa o moderador...

Dirige a administração, dirige a legislação, dirige a jurisdicção, dirige a lavoura, dirige a industria, dirige o commercio, dirige o exercito, dirige a marinha, dirige o magisterio, dirige a diplomacia, em uma palavra dirige o paiz, dirige tudo.

E' logica, é bem deduzida a opinião corrente formulada na phrase « *Sabio a titulo negativo, por não ser bacharel* » muito sabio *positivamente* deve ser quem é capaz de tudo isso.

O facto é que quem não fôr bacharel em direito, saiba embora linguas como Mezzofanti, philologia como Bopp, philosophia como Lefèvre. physica como Caselli, khimica como Liebig, astronomia como Secchi, jurisprudencia criminal como Lombroso, economia politica como Bastiat — ha de ser sempre *sabio a titulo negativo*.

Em compensação o individuo que não souber Portuguez; nem Francez, nem Inglez, nem Latim, nem

Geographia, nem Historia, nem Mathematicas Elementares, nem Philosophia nem Rhetorica, nem. Direito Romano, nem Direito Natural, nem Direito Ecclesiastico, nem Direito Constitucional, nem Direito Publico, nem Direito Criminal, nem Direito Civil, nem Direito Commercial, nem Economia Politica, nem Pratica, nem cousa nenhuma—mas que, de empenho em empenho, de protecção em protecção, tiver passado em dez exames e cinco actos, recebendo por fim uma *borladella symbolica*, está bacharel, apto para tudo, SABIO A TITULO POSITIVO.

Pode dirigir aspirações ao que lhe delinear a phantazia; á governança, á riqueza, á posição social conspicua, a tudo...

O pergaminho nivella condições, disfarça o prognatismo e a coloração do pigmento, esconde mazellas, apaga tradições, é uma agua lustral; uma lixivia concentrada, uma benzina infallivel para todas as gordurencias sociaes.

E isso é tão intuitivo que moço de coração estuante em raptos de ambição desenfreada, e mesmo até de ambição muito circumscripta, do que trata logo e logo, é de obter o pergaminho fatidico.

Forma-se um rapaz para ser elemento dirigente da *trapiçonga* social; forma-se para muito menos, para tomar a direcção de um banco, para gerir a fazenda paterna, para abrir uma casa de commissões, para casar com uma viuva rica, para ser professor da eskhola normal ou de uma eskhola de primeiras lettras, para redigir uma folha, em uma palavra, para ser qualquer cousa, para ser gente.

E quem não quererá ser bacharel?

Só algum espirito excentrico, despaisado, que abhorreça a mascara e o sócco da comedia, tanto nas tabuas do palco, como no theatro da vida.

De facto o bacharelado em direito, tal como está constituido, não passa de uma encenação vistosa, cara, cubiçada e no fundo completamente inutil.

Ora attenda-se.

Começo por adduzir uma opinião insuspeita, o juizo que proferiu sobre a materia um moço recentemente formado, um bacharel de 82 :

« A influencia official TEM INTRODUIDO NO ENSINO SUPERIOR UM CHARLATANISMO VERDADEIRAMENTE CALAMITOSO. « O professorado tornou-se um simples meio de vida « mais commodo, que se pode obter do governo por « uma simples promessa de fidelidade e obediencia ás « suas ordens, ou pela renuncia das convicções politicas. « O *empenho* e a protecção dos amigos annullam os cursos, e decidem em ultima instancia do grau de capacidade dos pretendentes. O ENSINO BAIXOU Á ESPHERA « DE UMA MERA PALESTRA SUPERFICIAL E METAPHYSICA : O « exame tornou-se UMA PURA FORMALIDADE, sem proveito « e SEM SIGNIFICAÇÃO ; o discipulo perdeu a sua independencia, a sua dignidade e arvorou-se em FIEL REPETIDOR « DAS BANALIDADES CATHEDRATICAS ; e a *approvação* passou « a ser considerada como um simples acto da generosidade dos lentes (1) ».

E' pura verdade : as provas academicas não provam cousa nenhuma.

Tenho visto serem reprovados em preparatorios alumnos meus distinctissimos, ao passo que outros menos que mediocres têm passado com facilidade.

Si os proprios professores e lentes, com rara excepção, nem sabem os preparatorios...

Em que titulos estriba o Sr. Rubino de Oliveira a sua fama de latinista ?

S. S. traduz um ou outro trecho de Tito Livio e de Virgilio, como aprendeu no seminario ; conhece com certeza a syntaxe de Pereira de Figueiredo ; não ha de

.....
(1) ALBERTO SALLES, *Cathecismo Republicano*, pag. 24 e 25. Os versaletes são meus.

ignorar que o nome que indica preço certo põe-se em ablativo, e em genitivo o que indica preço incerto; ha de lhe ser familiar a regra de que os adjectivos partitivos, numeraes e superlativos têm depois de si genitivo do plural.

Mas isto não é saber Latim: S. S. não sabe Latim.

Estou convencido que S. S. ficará pasmo se lhe falarem em *guna* e *wriddhi*; se lhe disserem — que em Latim só ha duas declinações; que cada declinação tem oito casos; que *humi*, *belli*, *domi*, *militiæ*, quando indicativos de logar ou tempo, não estão em genitivo; que o ablativo verdadeiramente termina em *d*; que as conjugações reduzem-se a uma unica; que não têm razão de ser as ellipses de Sanchez, tão popularisadas entre nós outros por Dantas; que o Latim é um dialecto relativamente moderno da velha lingua aryana; que as obras chamadas *classicas* apenas representam muito incompletamente um periodo de decadencia desse dialecto; que o Allemão e o Inglez são linguas congeneres do Latim; que ha uma lei glottica que permite reconhecer *pes* em *fusz* e *foot*; *piscis* em *fisch* e *fish*; *pater* em *vater* e *father*; *dens* em *zahn* e *tooth*; emfim que sobre o idioma do Latium ha uma infinidade de cousas que S. S. ignora; mais ainda, de que S. S. não tem a minima ideia.

Que Philosophia é a do sr. Benevides, que esbofa-se ridiculamente a refutar na aula Comte e Darwin, Spencer e Hæckel, malbaratando um tempo que poderia muito melhor aproveitar?

S. Exc. não se peja de declarar que não faz numero com os espiritos adiantados; que não crê que o progresso da humanidade careça de subtrahir-se á influencia religiosa para ser plenamente realisado; que têm fé na acção da Divina Providencia como factor desse progresso; que é ADVERSARIO FRANCO da philosophia moderna, *perniciosa*, no seu entender, á sociedade e ao direito; que

não comprehende o mundo sem Deus, e nem a sociedade sem principio divino.

Em vista disto commetteria injustiça grave quem applicasse á maioria da corporação de lentes da Academia de S. Paulo os versos dicacissimos que, com endereço á Universidade de Coimbra, escreveu Mello Franco?

Creio que não; e aqui transcrevo uns trechos do poema venenoso do terrivel estudante:

- « Muito illustres e sabios Academicos;
- « Per direito divino, e per humano,
- « Creio, que deve ser restituida
- « A' grande estupidez a dignidade
- « Que nesta Academia gozou sempre.

.

- « Ponderae sem paixão, para que serve
- « As pestanas queimar sobre os Auctores,
- « A estimavel saúde arruinando?
- « P'ra levar este tempo em bom socêgo,
- « Divertir, e passar alegremente,
- « Acaso precisais de mais sciencia?
- « Se os dias desta breve e curta vida
- « Tivessemos c'os livros perturbado,
- « Houveramos acaso mais prebendas,
- « Mais dinheiro, mais honra, mais estima?
- « De que podem servir estes estudos.
- « Que mais da moda se cultivam hoje?
- « A barbara geometria tão gabada.
- « Que mil proposições todas hereticas
- « Aqui faz ensinar publicamente,
- « Sabeis para que presta n'este mundo?
- « Diga-o a Inquisição, e mais não digo.

.

« Historias-naturaes, Phoronomias,
 « Khimicas, Anatomias, e outros nomes,
 « Difficeis de reter, são as sciencias,
 « Que vieram trazer os Estrangeiros.
 « Ha cousa mais cruel, mais deshumana
 « Mais contraria á razão, que ver os Medicos
 « Um cadaver humano espatifando,
 « Um corpo, que habitou o Esp'rito-Santo ?

.

« Quem póde sem desprezo vêr um Lente,
 « De innumeros estudantes rodeado,
 « Pelos campos vagar ali colhendo
 « Uma hervinha, uma flôr, um gafanhoto?
 « Acolá c'um fuzil ferindo as pedras?
 « Deixemos pois, um dia, ó sabia gente!
 « Estes prestigios que nos têm cegado ;
 « Ponhamos, como d'antes, estas cousas
 « Em seu antigo ser : como bons Filhos
 « Recebamos a nossa Protectora,
 « O que foi sempre seu em paz governe » (2)

O que o exm. sr. dr. Benevides tem por alta philosophia é muito boa metaphysica, é dialectica eskholas-tica, mediaval, aristotelica. Si possivel fôra que S. Ex. tivesse retrogradado na existencia, como tem retrogradado nas idéias, é provavel que tivesse feito um figurão, discutindo com Santo Thomaz ou com Scott sobre os trabalhos gynecologicos do Espirito Santo no parto da Virgem, ou sobre a côr dos cabellos dos anjos.

Arriscar-se-á o sr. Brazilio dos Santos traduzir Lang-fellow ?

Que portuguez sabe o sr. Vicente Mamede ?

(2) *Reino da Estupidez*, canto III.

De que mathematicas é capaz o cerebro do sr. Paulo do Valle?

Até onde chegará a rhetorica do sr. Francisco Aurelio?

Ou, pondo cada um destes dous em seu terreno proprio : comprehenderá Euclides o sr. Francisco Aurelio? Perceberá o tractado de Longino o sr. Paulo do Valle?

Que vistas terá sobre historia o sr. Arcipreste Andrade? Crê de certo que o sol parou á vóz potente de Josué, assim como crê que Constantino enxergou no céu o « *In hoc signo vinces* » que S. S. sem ser Constantino, tambem enxerga entre os dedos quando lhe pagam os ordenados em metal.

Os lentes de direito, apesar das lôas apologeticas que fazem de S. Paulo a Athenas do Brazil, salvas duas ou tres excepções honrosissimas, são repetidores de textos, erudictos rançosos de velharias que já fizeram seu tempo, homens regressistas que fogem da sciencia moderna como o diabo da cruz.

E' uma vergonha.

Quando se quer um exemplo de atrazo em civilisação, um simile de barbarie, cita-se a Turquia, citam-se os principados danubianos. Pois muito bem : na Moldavia ha professores de direito que escrevem, em Romanico e em Francez, obras de philosophia moderna que a França adopta, que a Allemanha traduz.

Que é que escrevem os nossos professores e lentes?

Ou não escrevem cousa nenhuma, ou escrevem em Portuguez de Pungo Andongo o *Caetaninho*, a *Familia Raziqe* e as *Memorias da Academia*.

Accusam-me de chamar as questões para o terreno das individualidades. Não ha tal : o homem publico na qualidade de homem publico não tem individualidade ; é um organ social. Si a funcção que lhe corresponde sai imperfeita, é que elle como organ, é defeituoso, e cada cidadão

está no direito de apontar-lhe o defeito, o vício, e de citar-lhe o nome.

Adiante.

Que jurisprudencia podem ensinar, digo mais, que jurisprudencia podem saber homens nutridos com o leite podre da velha metaphysica, completamente ignorantes das bases verdadeiras das sciencias sociaes?

Para quem não conhecer a ethnologia, as linguas, a procedencia dos povos italiotas; para quem os não tiver acompanhado com estudo arduo e perseverante em suas migrações dos altos valles do Hindu-Koh e do Pamir até as fraldas dos Apeninos; para quem não reconhecer nelles um galho do tronco aryano, como os Hindus, como os Eranios, como os Gregos, como os Celtas, como os Germanos, como os Lettas, como os Slavos—o estudo de direito romano não passa de um apontado inconnexo de instituições inexplicaveis.

Descendo até nós, como entender bem as nossas leis de herança, sem conhecer a fundo as leis romanas de successão que lhes serviram de base? E como conhecer a fundo essas leis romanas de successão sem saber o que era a *familia* entre os Romanos; qual a dignidade, o officio do *pater*; quaes as attribuições da *mater*; porque era triplice a cerimonia do casamento; qual o alcance da *patria-potestas*; o que era *tutela*, o que era *manus*, porque *casar-se* era para o marido *ducere-uxorem*, e para a mulher *nubere marito*?

E não basta conhecer bem essas instituições em um só povo: é preciso rastrear-lhes o apparecimento, a permanencia, as origens entre os povos congeneres.

E' preciso fazer confrontos linguisticos, aproximar o Latim *pâter* do Grego *patér*, do Sãoskrito *patar*, do Persa *padar*, do Gotico *fadar*, do Germanico *fatar*, do Escandinavo *fadhir* e do Inglez *father*.

E' preciso saber que *pater* não é *genitor* : que o primeiro como o Inglez *lord*, *hlaford*, «dador de pão» significa «o que sustenta a *casa*, a *familia*»; e que o segundo quer dizer «o que *engendra* filhos»; que no viver aryano as duas attribuições, se bem que estejam *ordinariamente* reunidas no mesmo individuo, podem tambem estar separadas.

E' preciso saber que os Gregos tomavam amantes (*hetairas*) para os seus prazeres, concubinas para os cuidados diarios de suas pessoas; e esposas para terem filhos legitimos; e que os Romanos procediam de modo quasi igual, a ponto de ser preciso que o noivo affirmasse sob juramento que tomava mulher *liberorum quærendorum causa*.

E' preciso procurar, pelas raizes etymologicas dos nomes dos membros da familia, as attribuições, o papel de cada um.

E' preciso achar em *mater* (Sãoskrito *matar*, Grego *méter*, Persa *madar*, Inglez *mother*) a raiz *MA* que significa *procr ar*; e em *daughter*, *filha* em Inglez, bem como *thugáter* em Grego, *tochter* em Allemão, *duhitar* em Sãoskrito, *dukte* em Lithuanio, a raiz *duh* que quer dizer *ordenhar*.

Assim comprehende-se a *agnação*, a *cognação*, a *gentilidade*; comprehende-se a *successão* romana; comprehende-se a *lei Salica*; comprehende-se o *feudalismo medieval*; comprehende-se o *morgadio* portuguez; comprehende-se a lei brasileira de 6 de Outubro de 1835.

Desempenhar-se-ão destes encargos os srs. Dutra Rodrigues e Justino de Andrade?

Repetir textos não é mostrar sciencia, é provar memoria.

Eu poderia facilmente continuar com estas considerações, mas prefiro ceder a mão por um pouco ao jurista distinctissimo que no *Correio Mogyano* de 10 do andante

mez, escreveu um artigo magistral sobre a pena de morte.

Nesse curto mas valioso trabalho, estão esboçadas a traços largos as bases do direito moderno, com especialidade do direito criminal, e ao mesmo tempo são estigmatizados os nossos legisladores e, conseguintemente os nossos mestres de direito.

Tomo d'elle o seguinte trecho:

« E' n'este ponto que os nossos codigos e as nossas leis são de um atrazo deploravel: filhos da velha metaphysica são soluções imprestaveis.

Esses codigos e essas leis não podem discutir-se, não são mais do seu tempo; não estão mais no seu momento historico: atrazaram-se, não fazendo a evolução das sciencias modernas.

« Faltam-lhes as bases de uma intuição realista e monistica do universo e da humanidade—o conhecimento das leis naturalistas da historia e o desenvolvimento das nações. E nem se nutra a esperança de tão cedo ter-se a substituição desses *fosseis* que nos servem de leis, tão eternos como o *Decalogo*, tão inviolaveis quaes as leis do *Al-Korão*; desde que é sabido que os nossos legisladores, de hontem como de hoje, são homens do *juste milieu*, como se diz á franceza».

Nestas poucas linhas está a verdade sobre a academia de S. Paulo ou antes sobre as nossas academias de direito, porque a do Recife afere-se pela mesma bitola.

Não ha negar que desses antros de metaphysica têm sahido homens da estatura de Candido Mendes, de Nabuco de Araujo, de Tobias Barreto, de Vieira de Carvalho, de Teixeira de Freitas, de Tavares Bastos, de Couto de Magalhães, de Balthazar Carneiro, de Bernardo Gavião, de Sylvio Roméro, de Ruy Barbosa.

Não ha negar que é formado em direito o Veillot brasileiro, Leão Bourroul: que são formados em direito

Valentim Magalhães, Affonso Celso Junior, Magalhães Castro, Raymundo Corrêa, Assis Brazil, Argymiro Galvão, Theophilo Dias, Washington Badaró, Affonso Coelho, Antonio Mercado, Costa Carvalho Junior, Alvares Lobo, Sabino Barroso, e innumerous outros moços distinctissimos, de que tanto pode esperar a patria pela copia que deram já de si, quer nos annos academicos, quer na vida real.

Mas todos aquelles varões respeitaveis, todos estes mancebos nobilissimos não deveram o que souberam, não devem o que sabem, ás seiscentas ou oitocentas hypnoticas prelecções que poderiam ter ouvido em cinco annos de curso. Deveram-no e devem-no ao esforço proprio, ao trabalho indefesso, em que era guia a propria intelligencia, e mestra a boa vontade. São filhos de si proprios.

Depois da reforma do benemerito conselheiro Leoncio contam-se por dezenas os moços que se têm formado sem ouvir as fastidiosas e superfluas explicações dos lentes. Antonio Mercado, por exemplo, no seu quarto e no seu quinto anno não frequentou a academia : residiu em Campinas.

O estudante que limita-se ao ensinamento dos lentes, o estudante *de postillas* sempre faz figura triste entre os collegas. Consegue graduar-se ; não consegue ficar sabendo direito.

Ser bacharel não é deshonra, mas tambem *constituída como o está a acad mia*, não é titulo positivo de sapiencia. Quem sabe, sabe porque estudou e não porque é bacharel.

Paranhos era formado em mathematicas ; mas depois de velho, tendo ouvido uma conferencia positivista, mandou comprar para estudo o *Curso de Philosophia* de Comte, porque reconheceu-se em atrazo, porque viu que *não sabia*.

Ha muita illustração verdadeira fóra do gremio das faculdades.

Sem fallar nas myriadas de sabios estrangeiros não diplomados, nós mesmos temos tido e temos ainda homens de merito real que não são filhos das academias.

Francisco Alvares, o Dupuytren paulistano, Feijó o grande estadista, Ottoni. o mathematico, o linguista, o agitador temeroso, o politico honesto que todos pranteiam, não foram formados; ainda hoje Ladisláu Netto, Capistrano de Abreu, Quintino Bocayuva, Joaquim Serra não têm diploma algum.

O delicado e scintillante estylista Henrique de Barcellos, o vigoroso, o correctissimo Gaspar da Silva, Léo de Affonseca, Abilio Marques, Navarro de Andrade e tantos outros ornamentos do jornalismo paulista não são graduados em disciplina alguma.

Mesmo em direito leigos tem havido que têm valido mais do que uma récuca inteira de lentes: Luiz Gama e Pereira de Vasconcellos nunca passaram de rabulas, e ahí está a tradição deixada por um, ahí estão os livros numerosos da penna do outro.

E' tempo de acabar com o preconceito funesto de que só tem illustração quem recebe a investidura da sciencia official, materialisada em uma *calott*: muito ridicula e muito cebosa.

E' tempo de reconhecer-se que assim como ha bachareis sabios, ha tambem sabios não bachareis, e individuos que, na phrasede Michelet, « são doutores aos quinze annos, e asnos toda a sua vida ».

Capivary, 20 de Maio de 1885.



X

« *Me, me, adsum qui feci; in me convertite ferrum* ».

VIRGILIUS, *Æneidos*, Lib. IX; vers. 426.

Eis-me chegado ao fim da primeira estação da campanha que emprehendi

Primeira estação, digo eu, porque não é tempo ainda de embainhar a espada, porque continuo firme na brecha.

Encarniçada, terrível tem sido a lucta.

Meus inimigos desleaes, não podendo rebater os golpes duros de verdade que aos seus idolos vibrou minha penna, deslocaram a questão, e voltaram-se contra a minha humilde individualidade.

Procuraram tirar-me a força moral, vilipendiando-me, calumniando-me, diffamando-me.

Imbecis !

Ouçam, é Zola quem falla :

« Sob esse furioso assalto da imprensa qual é a sorte do
« escriptor ? O pobre homem deve estar esmagado, não é
« assim ? Attenda-se a que elle tem contra si todos, tanto os
« espirituosos, como os idiotas. Censuram-n'o por aquillo
« que elle escreveu e por aquillo que elle não escreveu;

« emprestam-lhe as intenções mais estapafurdias, mais ver-
 « gónhosas; julgam-n'o aeriamente, segundo o manequim
 « que delle fizeram, sem nunca lel-o; degolam-n'o com as
 « legendas absurdas que circulam sobre as obras delle, so-
 « bre elle proprio. E' evidentemente um homem perdido:
 « de tal massacre é impossivel sair vivo. Pois muito bem,
 « não ha tal: o escriptor conserva-se de pé e risonho. A cada
 « nova bordada de projecteis, de ladrilhos, de punhados de
 « lodo fica-se pasmo ao vêr o homem, forte e alegre ao sol,
 « sem avaria, sem ter-se siquer sujado.

« Mas que é que se passa, então? Meu Deus, uma cousa
 « muitissimo simples. E' que nenhuma das armas da critica
 « acerta, porque nenhuma dellas visa logicamente ao es-
 « criptor. Passam todos á direita, á esquerda, ou antes caem
 « na lama a seus pés. Não basta accusar um homem dos
 « mais horrorosos crimes: para que seja elle um patife é pre-
 « ciso que *tenha mesmo commetido esses crimes*. Ora, a criti-
 « ca mostra-se de grande ingenuidade quando parece crêr
 « que lhe basta negar o talento de um homem, para que
 « esse homem não tenha realmente talento. *Os factos a des-*
 « *mentem, e o publico acaba SEMPRE por obedecer aos factos.*

« Si a critica falta á verdade, si ella não faz a um es-
 « criptor a justiça que lhe é devida, SUICIDA-SE, perde toda
 « a sua auctoridade para com os leitores. Desde então cai
 « no desprezo, e é apenas barulho d: que SE APROVEITAM
 « *aquelles mesmos que ella quer estrangular* ».

Sim, é isto: as palavras do mestre são a propria verdade.

O partido republicano paulista, afivellando ao rosto
 uma mascara covarde, cobriu-me de baldões, de insultos
 sujos, de calumnias torpes; ennegreceu-me, diffamou-me...

Desceu mais: sordidamente, mesquinamente iutrigou-me,
 cerceou-me interesses, procurou até privar-me de pão...

E todavia aqui estou eu, são, escorreito, alegre ao sol
 de Deus, com o abraço sempre eugatilhado para o amigo,
 com a pilheria mordente sempre prompta.

E mais, vejo de meu lado a opinião. Em S. Paulo, em Taubaté, em Sorocaba, em Jundiahy, em Campinas, no Rio Claro, em Tatuhy, em Piracicaba, em toda a provincia, ergueram-se vozes a meu favor, surgiram-me companheiros estrenuos nas batalhas que feri.

Até em provincias longinquas como a de Minas, foi verberado o procedimento do partido republicano paulista, que conglobou-se, cotisou-se, gastou esforços, despendeu dinheiro para... desmoralisar um homem !

Na Côrte fui eu acolhido, saudado, festejado pela fina *élite* do mundo das lettras e das sciencias, achei editor para estas *Cartas*, obtive um triumpho completo.

Falta talvez de modestia, mas verdade.

E não se vá pensar que actuou para isso espirito de partido, interesse politico favorecido.

Não.

Todos sabem que eu NÃO FUI, que eu NÃO SOU, que eu NUNCA HEI DE SER monarkhista.

Neguem-n'ò embora os villões; esta é que é a verdade.

Os meus adversarios politicos leaes respeitam-me e estimam-me porque veem em mim o homem de principios, que colloca as suas convicções acima de suas sympathias, acima de seus interesses.

Os republicanos verdadeiros, que os ha em grande numero na provincia, applaudem-me, felicitam-me particularmente, publicamente, por cartas, de viva voz, de todos os modos.

Muitos dos republicanos disciplinados, agremiados, *orientados* pelo sr. Rangel Pestana, confessam serem verdades as que eu proclamei, e louvam-me pelo civismo, pela coragem, pela abnegação.

E nem faltam corpos collectivos em que eu me apoie : os briosos eleitorados de Porto-Feliz e de Santos tambem repelliram a transacção infamante...

Isto posto, lance-se uma vista retrospectiva ás principaes questões politicas debatidas n'esta polemica.

Sustentei eu que os dous deputados republicanos não passavam da craveira commum dos bachareis brasileiros, que eram honradas mediocridades, que não tinham rasão de ser as thuriferações com que os endeusavam.

Desmentiram-me elles na Camara? Mostraram-se talentos, genios, aguias?

Qual!

Revelaram-se burguezes chatissimos, politicos acanhados, opportunistas de conta.

Nem o sr. Prudente de Moraes, nem o sr. Campos Salles tem excedido a estatura do sr. Frederico Borges ou do sr. Euphrasio Corrêa.

Quando o sr. Campos Salles pronunciou o seu primeiro discurso levantou-se aqui na provincia um côro de elogios, um tal marulho de admiração, que parecia que o mundo vinha abaixo.

Fôra uma estréa brilhante, rutila, assombrosa, pyramidal, nunca vista.

Isto aqui : na côrte a cousa foi muito outra.

Ora veja-se como apreciou o deslumbrante *début* um jornalista estrangeiro, um homem desinteressado, um julgador imparcial :

« On donne la parole á un député républicain dont le discours n'éclaircit en rien le débat car il ne parle guère que de lui, des ses correligionnaires politiques, et du mandat qui lui a été donné par ses électeurs propriétaires d'esclaves, (1) »

A imprensa brasileira entende que *só agora*, com a estréa de Joaquim Nabuco, *houve discurso* na Camara. Não é desarrasoado concluir que para a referida imprensa a ver-

(1) *Revue Commerciale, Financière et Maritime*, du 6 au 20 Avril, 1885.

biagem do sr. Campos Salles *não valeu*, foi *peça de encher*, uma *bagaceira* como outra qualquer das muitas que tem havido.

Diz, por exemplo, a *Gazeta de Noticias* no seu *Boletim Parlamentar*: (2)

« A Camara dos Deputados sahio hontem da sua *habitual somnolencia*, sacudida pela palavra vibrante e convicta do sr. Joaquim Nabuco.

« Este sr. deputado tomou hontem assento e hontem mesmo se manifestou não só acerca do projecto do elemento servil, como da ultima organisação ministerial.

« Abolicionista radical, tendo a seu favor o prestigio de DEFENSOR SINCERO de uma grande causa a sua palavra convicta produziu uma sensação extranha *n'aquella atmosphera de pequenas combinações politicas* e DE MESQUINHOS INTERESSES PARTIDARIOS. »

.....

« Não sabemos quem está inscripto para responder ao sr. Nabuco ; mas seja quem fôr, até mesmo o sr. Ratisbona, ha de ver-se em grandes embaraços para destruir o effeito DO PRIMEIRO DISCURSO QUE ESTE ANNO FOI PROFERIDO NA CAMARA. »

Tinha eu rasão ou não tinha, em augurar *fiasco* aos dous idolos ?

Relativamente ás repentinas idéas abolicionistas do partido republicano, affirmei eu ter sido o projecto Dantas um remendo de purpura cosido ás pressas na bandeira negra do esclavagismo de barrete phrygio.

A queda da situação passada e o discurso retroactivo ultimo do dr. Prudente de Moraes provaram á evidencia a verdade de minhas asserções—o republicanismo paulista é escravocrata, e só tornou-se abolicionista para illudir a

.....

(2) Numero de 4 de Julho de 1885.

Josè Bonifacio, para obter meios de acção, na campanha eleitoral, para empolgar os dous diplomas.

Que mais fiz eu ?

Chamei a contas o orgulho titanico e balofo do sr. Rangel Pestana, e mostrei o que era s. s. á luz de uma critica imparcial e justa.

—A photographia de um kharacter!—foi o juizo do publico em relação ao meu escripto !

Com o sr. Alberto Salles só incidentemente e por ser provocado occupei-me.

E até isso foi perder tempo.

S. s. é o que se chama um *raté*.

Quiz fazer nome, e começou por escrever um grosso livro de politica.

Obra ponderosa, chama-lhe com fina malicia Capistrano de Abreu, e é : pesa em brochura 1125 grammas.

Pois muito bem : s. s. foi infeliz com o bacamarte. Ninguem se atreveu a cortar-lhe as folhas. Ficou virgem . A venda regular não attingiu a uma centena de volumes. Dos outros descartou-se s. s., passando-os por preço vil a um livreiro de S. Paulo.

Metteu-se s. s. no jornalismo. Ainda uma vez *raté*.

Principiou com uma desgraçada questão de renovamento de sangue, e com tal desazo se houve, que viu-se obrigado a fugir do campo, deixando armas e bagagens, e cortando relações com o collega que lhe aparára as cristas.

Mais tarde publicou o *Cathecismo Republicano*, vasto museu teratologico de abortos spenceristas.

Para que tivesse saída (luminosa ideia!), fez distribuição gratuita.

Pois foi de novo *raté*: a obra em grande parte está por distribuir...

Nem de graça!

As *Cartas e Bilhetes Postaes* tiveram extracção.

Porque ?

Porque eram dirigidos a JULIO RIBEIRO.

Serviu-lhes meu nome de padrinho.

Ora aqui está um meio efficaz: escreva o sr. Alberto Salles contra mim, ha de achar leitores.

E mais faz-me *réclame*, serve-me de degráu, ajuda-me a subir.

Quanto ao que me diz pessoalmente respeito na polemica, mostrei eu a toda a luz a ignorancia profunda, a crassa obtusidade do athleta da republica esclavagista.

Mostrei a deslealdade, a perfidia de suas malsinações.

Confundido, desfeito, esmagado, voltou á carga insultando-me, calumniando-me moralmente.

Rebateu-lhe as calumnias vilissimas o *Diario Liberal*.

A' brilhante resposta de tão estrenuo campeão nada tenho a acrescentar.

Tambem quasi não merecem contestação as novas calumnias da *Provincia* de 22 de Junho.

Todavia pergunto:

Seria tão fraca, tão pusillanime a Directoria do Collegio *Culto á Sciencia* que não tivesse animo de lavrar a demissão do empregado omisso em seus deveres?

Desceria ella, por inqualificavel inercia, a approvar uma medida injusta que feria a *todos* os membros do corpo docente, quando era *um só* o criminoso?

Dado que tudo isso assim fosse, voltar-se-ia o despeito do *punido* somente contra *um* director republicano, dr. Jorge de Miranda, poupando os *quatro* directores liberaes?

Admittido ainda este absurdo, porque atacar o partido que não era solidario com o partidista, porque descarregar sobre um corpo collectivo o odio votado a um individuo?

Pobre logica! Desgraçado bom senso!

Com tanto que eu fique ou pareça ficar ferido, pouco importa sacrificial-os.

Seria republicana a maioria da Camara que approvou a proposta do sr. Glycerio, para que tomasse a Municipalidade um certo numero de exemplares da *Grammatica Portugueza*?

Não é fazer uma insinuação torpe ao kharacter honrado do sympathico chefe republicano, suppol-o capaz de comprar adhesões para o seu partido á custa dos cofres da Municipalidade?

Causa non bona patrocínio peior erit.

Diz o campeão da transigencia que eu publiquei a minha *Grammatica* com o *auxílio exclusivo* dos republicanos.

Pois não terá mesmo pudor o homem?

Só do venerando visconde de Indaiatuba, de saudosa memoria, e do illustre mineiro, dr. Pereira Lima, recebi eu mais auxilios do que de todos os republicanos junctos.

A adoravel senhora, d. Carolina Florence, e o distinctissimo estrangeiro, Manuel José da Fonseca, subsidiaram-me largamente na publicação do meu trabalho.

Basta.

Com tal gente não ha lutar.

Todas as armas lhes servem—o insulto, a calumnia, a diffamação.

Não toleram, não soffrem que haja uma voz a meu lado, que haja um justo que se revolte.

Quem se atrever a bandear-se comigo ha de ser atado ao pelourinho, ao poste de ignominia que se chama *Secção Livre da «Provincia de S. Paulo»*.

Liberdade plena a essa gente.

Desçam, desçam até as ultimas podridões da vasa.

Estabeleçam succursaes de infamia em Campinas, em Rio Claro, aqui, onde quizerem.

Não lhes respondo mais em terreno nenhum: assim como não têm sciencia tambem não têm moralidade.

São imbecis, são cretinos.

.

Fecho com esta a primeira serie das *Cartas Sertanejas*.
O ruido que produziram estes escriptos, o successo que

obtiveram explica-se pela *ficelle* que eu empreguei, pelo *ressort* que eu puz em jogo.

Essa *ficell*?, esse *ressort*, é a VERDADE.

Escrever A VERDADE, MAS SÓ A VERDADE É TER CERTEZA DE triumpho.

Eu triumphei.

E para que o meu triumpho fosse completo nem siquer lhe faltaram os gritos dos feridos, o cõro de maldições dos esmagados.

Senti as emoções asperas da lucta, tive as alegrias rispidas do combate.

Gosei de prazeres pungentes que só é dado aos fortes gosar.

Disse sem reбуço, inconvenientemente o que eu sentia, fui brutalmente franco, fui impiedosamente justo.

Mas tive pezares.

Doeu-me vêr que atavam comigo ao poste de ignominia não só os que, chamados pela voz da justiça, tomavam a par de mim posição no combate; como até aquelles cujo crime unico era honrarem-me com a sua amizade...

Henrique de Barcellos, o jornalista brilhante, o estrangeiro benemerito, fidalgo como Rochefort pelo sangue, notavel como Rochefort pelo talento, venerando como Rochefort pelo ardor em defender a causa da democracia, Henrique de Barcellos não foi poupado: insultaram-no, procuraram cobril-o de ridiculo...

O coronel Delphino Carvalho, paulista distincto, homem de legitimo prestigio n'esta comarca, estimado, respeitadissimo, tambem serviu de alvo a uns dizeres lorpas vindos do Rio Claro, a umas allusões parvoinhas e pequeninas, partidas... não se sabe donde.

Mas tambem foram as unicas nuvens que me ensombraram a frõnte.

O mais foi goso, goso forte e viril, goso calmo de cirurgiaão impiedoso que, cruamente, imperturbavelmente, corta

por carnes gangrenosas, por ossos cariados, surdo aos gritos lastimosos do paciente, superior ás injurias inconnexas, arrancadas pela dôr.

Tenho consciencia de haver cumprido o dever de bom soldado, insurgindo-me contra a ambição temeraria dos chefes; tenho consciencia de que, com estas *Cartas*, pres-
tei assignalado serviço á verdadeira causa republicana.

Mutilou-se a idéia, entregou-se a bandeira nas mãos do inimigo, mas houve entre os republicanos quem protestasse.
Fui eu.

Capivary, 6 de Julho de 1885.

JULIO RIBEIRO.

APPENDICE



O “Democrito”

No seu numero de hontem diz o *Diario Mercantil*, collega sempre cortez e sempre amavel :

« *Democrito* o illustrado contraditor das *Cartas Ser-tanejas*, escreve na *Provincia*, de hontem :

« Aquella malfadada nomenclatura foi que LHE enterrou.»

Oh ! Pae do céu !

E' caso de Julio Ribeiro offerecer a *Democrito* um exemplar da sua grammatica.

Que o collega nos perdoe, mas a sua amabilidade em chamar *illustrado* ao *Democrito* chega a ser indesculpavel.

Uma illustração que ignora o emprego dos pronomes merece ser examinada a microscopio.

Não deixamos de concordar que o escriptor *Democrito* tenha razão para se zangar com Julio Ribeiro e achamos natural que lhe replique, por espirito de partido.

Mas o que é de veras lamentavel é que a unica pessoa que sériamente se oppõe á *recreação ribeiriana* ignore as mais comesinhas regras da disciplina da lingua vernacula.

Quem commette erros daquelles não merece resposta, está a pedir bolos.

E no mais, desculpe se com isto LHE offendemos.
(*Correio de Campinas*, de 13 de Março.)

Mofinas e publicações anonymas

Chamamos a attenção do publico para a *Secção livre* do organ republicano.

E' d'alli que se responde anonymamente a Julio Ribeiro, que assigna os seus artigos e delles assume toda a responsabilidade: é d'alli que nos insultam e aggridem porque damos inserção nas columnas editoriaes da nossa folha aos vigorosos escriptos do eminente philologo brasileiro.

Notámos ante-hontem um erro imperdoavel na carta de *Democrito*, o contraditor das *Cartas Sertanejas*; tanto bastou para que hontem nos arremessassem um punhado de doestos e de gastas allusões malevolas e nos lembrassem o nome já esquecido de um dos collaboradores daquella secção — o que teve a *coragem* de ir á casa de um dos redactores desta folha e ahi tentar assassinal-o á traição...

Vê-se por isto quanto as severas apreciações de Julio Ribeiro desconcertaram a grey republicana.

Nem se diga que os *mofineiros* são de fóra,vão ao balcão levar as *mofinas* com a respectiva importancia: toda a gente sabe o contrario.

E' velha a balda mandar para os *a pedidos* aquillo que póde comprometter ou produzir má impressão na parte editorial. Quando a *coragem* fallece ou as conveniencias impõem, o refugio é a *Secção livre*.

Nós achamos isto... inqualificavel.

Ataquem-nos com virulencia, digam tudo quanto supõem saber contra nós, procurem inutilisar o concorrente que lhes faz sombra, ataquem e deprimam Julio Ribeiro, mas façam-n'o decentemente, lealmente.

A *mofina* é uma arma vilã.

A publicação anonyma denuncia, pelo menos, fraqueza e falta de cavalheirismo.

Concluindo estas rapidas linhas, cumpre-nos declarar que d'aqui ainda não partiu insulto nem grosseria, ao passo que de lá, da *Provincia*, já nos offenderam sem motivo que justifique a offensa...

O “Democrito”

Do *Correio de Campinas*, de hontem, extrahimos o seguinte :

« Aos defensores provaveis deste escriptor e ao que appareceu hontem na *Provincia*, asseverando ser facil errar quando se escreve ás pressas, offerecemos a leitura do artigo de hontem, 1^a columna, 2^a pagina, 16^a linha em que a applicação dos pronomes vem errada, como se vê abaixo.

« Os acontecimentos, os factos que diariamente se succedem, impressionam-LHE de modos diversos.»

Não se póde dizer que aquelle LHE seja um erro de revisão como o que sahiu hontem nesta folha no artigo em que tratavamos do inimigo dos pronomes pessoaes, em que a palavra bolos ganhou uma lettra a mais, ao que se apegou um pandego para asseverar que tambem largamos o nosso errosinho... Aquelle LHE denota sim uma ausencia mais que regular dos conhecimentos elementares da lingua.

São uns trocistas! Deus OS valha!

Não ha como o emprego dos pronomes para apanhar sabios...

Diario Mercantil de 14 de Março de 1885.

Julio Ribeiro, aos mascarados da “Provincia” e aó publico

Vós não sois leaes, sois traiçoeiros; vós não sois nobres, sois villões.

E quem me dá o direito de vos isto dizer é a mascara torpe que não tendes pejo de afivellar ao rosto para me injuriar, falsificando a verdade, mentindo.

Diderot.

Fiquem comtigo os insultos que me atiraste. Para erguel-os não desço á arena baixa em que espolinhas, e onde elles, sem me alcançar, foram cahir.

Pela ultima vez, nota, respondo ao pseudonymo, que eu não sei se encobre um cavalheiro cégo pelo despeito, ou um arruaceiro reles.

Luys é medico, é; Bastian tambem o é: mas sobre os trabalhos de Luys e de Bastian, bem como sobre os de Broca e de tantos outros, é que se apoiam os criminalistas.

Lê, perfido malsim, a *Biologia e Psicologia del Delinquente nato* no livro de Lombroso, e vem depois dizer se eu errei em associar criminalistas a alienistas.

Todo o criminalista que se não entregar ao estudo aturado, persistente, indefesso dos trabalhos dos alienistas ha de divagar nas regiões da metaphysica, ha de fazer consistir a jurisprudencia na citação de *avisos*, ha de legislar, conculcando os direitos sagrados da humanidade.

Lê, desgraçado sycophanta, estas palavras de Tobias Barreto :

« Uma theoria scientifica da tentativa presuppõe *al-*
 « *guma cousa mais* do que a faculdade mekhanica de
 « citar *avisos* do governo ; unica *sciencia* em que são pro-
 « fundamente versados os jurisconsultos da terra, salvo uma
 « ou outra excepção tão rara que se perde e desaparece na
 « sombra dos rabulistas, cujo numero é legião.»

São de Luys estas bellas palavras :

« A mesure que l'observation sera plus complète et
 « plus perfectionnée, l'aliéné mieux connu, mieux apprécié,
 « perdra ce caractère étrange et repulsif que les préjugés
 « sociaux, et l'indifference sociale lui attribuent, pour
 « revêtir insensiblement celui d'un homme blessé e souf-
 « frant, digne de commisération et de respect. Il pourra
 « être erigé, lui assi, légitimement á l'état d'un être mutilé,
 « tombé dans la lutte pour l'existence, mais d'un mutilé
 « digne d'une sympathie toute spéciale, en ce sens que
 « chez lui ce n'est pas seulement l'homme physique qui
 « est contusionné et meurtri, mais bien l'homme moral
 « dans ce que l'être humain a de plus précieux, de plus
 « noble et de plus élevé—son esprit, son cœur, et sa situa-
 « tion sociale.»

E por divorciarem-se os criminalistas dos alienistas, é que esse doente, esse ferido sympathico, sentado frequentemente no banco dos réus por actos de que não tem responsabilidade, sai, não para o hospicio, mas para a penitenciaria...

Atras-me este bote perfido :

« Maudsley e Lombroso são por ti collocados um a
 « par do outro, como se ambos sustentassem as mesmas
 « theorias.

« Maudsley e Lombroso são por mim e por todas as pes-
 « soas de bom senso perfeitamente discriminados.

« Maudsley é simplesmente ridiculo. Cesare Lombroso,
 « o illustre psychiatra italiano, o celebre auctor de *L'oumo*

« *lelinquente*, é um criminalista de pulso que tu aviltaste
 « muito e que eu defendo agora, retirando-o do infimo
 « logar que na tua ignorancia lhe concedeste. »

Agora, fraldiqueiro hydrophobo, chega a frente, que eu vou imprimir-te n'ella um estigma indelevel.

Escuta : « *Esso ha senza proprio merito, come l'umile
 « insetto che trasporti un polline fecondatore, vivificato un
 « germe che forse avrebbe messo molti e molt'anni a
 « svilupparsi e frutare : esso diede occasione al formasi
 « d'una nuova scuola che CAPITANATA in Germania
 « dal Liszt Kraepelin.....*

.....

« in Inghilterra da Clarck, Maudsley, Mayhew,
 « Thompson, Gasquet.....

« **ADDITO E SPESSO COLMO** le troppe la-
 « cune del mio primo disegno e ne fissava le pratiche ap-
 « plicazioni giuridiche.»

Quem faz o que eu fiz, quem faz o que tu reprovás, quem colloca junctos Maudsley e Lombroso, mais, Lombroso abaixo de Maudsley, **E' LOMBROSO ! ! ! !** (1).

Chafurda-te na lama, cerdo, suicida-te, escorpião, que estás cercado de chammas.

Agora ao publico.

Não respondo mais a gente desta.

São calumniadores : hoje é a calumnia scientifica : amanhã será a calumnia moral.

Desfiz em outro escripto a malsinação de plagiato. (2).

Dei a entender que a nomenclatura conspurcada não era minha.

E não é. Não digo de quem seja para deixar açulada a curiosidade simiana daquella gente.

(1) *L'Uomo Delinquente*, Prefazio alla III edizione.

(2) Só hontem á noite, depois de composto este artigo, encontrámos, em um volumoso rôlo de tiras do folnetim que esta-

Entreguei *Democrito* ás moscas, desejando-lhe benevolamente campo vasto e herba tenra.

Hoje ahi fica provado que Diderot é apenas um papalutão muito pedante e muito insolente.

O plano dessa gente é arredar-me da liça em que me collequei com as *Cartas Sertanejas*.

Não o conseguem.

Não lhes respondo mais.

Como diz Tobias Barreto, em luctas *jacobicas* com tal grei não se ganha claudicação, ganha-se scepticismo. Capivary, 12 de Março de 1885.

JULIO RIBEIRO.

Analyse Espectral

Isto não é resposta a *Diderot*, é cobrança.

Diz elle que é impossivel avaliar, por meio de um raio de luz, quantos decigrammas de assucar entram em uma chicara de café adoçado, e que me dará um *doce* si eu lhe provar o contrario.

Pois não é impossivel a cousa e eu vou ganhar o *doce*.

Não se trata, como julga a innocente creatura, de analyse espectral, nem de Bunsen, nem de Kirchhoff.

mos publicando, e que o sr. Julio Ribeiro traduz *au jour le jour*, o escripto a que allude o eminente philologo.

N'esse escripto diz S. S:

« Malsina-me de plagiario (*Democrito*) por eu ter repetido um pensamento de Comte sem indicar—procedencia. O pensamento é tão conhecido, tão batido, tão surrado para quem lê obras de philosophia moderna, que não ha necessidade de indicar o auctor : tem-se obrigação de saber quem é Comte. A pôr aspas n'aquillo seria necessario pol-as tambem no « *Agua molle em pedra dura* », no « *Coração presado* », no « *Desce de cima* », no *gato escaldado* », no diabo ».

Nota da redacção.

Tracta-se de luz polarisada, de saccharimetro (sem *kkh*) e de M. Soleil. Tracta-se do instrumento que serve para analysar substancias saccharinas que é empregado até pela medicina para determinar exactamente a *quantidade* de assucar fermentavel que contem a urina dos diabeticos.

Veja *Diderot* um compendio qualquer de *Physica* (a traducção ingleza de Ganot, por exemplo, a qual é a melhor que o original), aprenda ahi o uso do instrumento, sirva-se do raio de luz polarisado, avalie exactamente a *quantidade* de assucar, e depois dê de minha parte o doce a *Democrito*, a quem eu delle faço presente.

JULIO RIBEIRO.

Capivary, 15 de Março de 1885.

As "Cartas Sertanejas"

O partido republicano paulista tem nestes ultimos tempos, soffrido formidavel abalo em sua probidade de corporação seria, democratica e, por isso mesmo nobre.

Julio Ribeiro, o solitario de Capivary, como poeticamente o chamam, foi o primeiro a abalroar-lhe o bojo, com a rude impiedade do homem patriota e justo, que espanca as trevas para dar-nos luz, que imp'anta a verdade onde o embuste existe.

Almas sinceras e boas applaudiram o procedimento heroico do homem que, a despeito de suas proprias conveniencias, se atirára a uma tão tremenda mas gloriosa luta

Julio Ribeiro desmascarou os hypocritas; aluiu os fétiches de seu proprio partido; e, sereno, impavido,

n'uma das mãos a Verdade, n'outra a Justiça, expugnou o forte da [republica paulista para reformar-lhe o falso pedestal que o sustinha.

Accção civica foi essa que o historiador imparcial ha de registrar em paginas douradas no livro da historia politica e social deste paiz.

Rugidos féros, porém, retumbam pelos ares. Ameaças odiosas resaltam de labios resequidos pela estupidez de cégo fanatismo.

— Pêdante! — gritam uns.

— Ignorante! — bradam outros.

E, como se a questão não fosse puramente politica, uns sujeitos desleaes, covardes, espermêm-se pela secção livre da *Provincia*, apontando á gente uns pretendidos plagios, que o grande philologo não commettêra, como já se provou.

Em tudo isto, já o disse o *Diario Mercantil*, percebe-se a intenção de desviar Julio Ribeiro do ponto de vista em que brilhantemente se collocara.

Mas o que mais admira, o que cada vez mais espanta a todos, é que o fanal da republica paulistana, o illustre sr. dr. Rangel, não haja sahido a campo com o prestigio do seu alto tino politico e com a coragem do homem que se presa, a esgrimir a sua penna valente com o *pêdante* que ousou lançar por terra os idolos do seu partido!

S. S. amersendado no throno da republica pelo consenso *unanime* de seus correigionarios, não devia, por honra sua e dos republicanos que se dizem intransigentes, vender os olhos nesta questão de interesse maximo, em que a honestidade e a lealdade do partido periclitam de um modo altamente triste.

Não se trata de interesse mesquinho e reles: trata-se da dignidade de uma corporação que alardeia foros de democracia immaculada e cujo pundonor é posto em duvida por boa parte de seus membros.

Sim o sr. dr. Rangel Pestana não devia, não deve, conservar-se silencioso ante as cartas objurgatorias do solitario de Capivary.

Tal silencio é um crime de leso-republicanismo, e o redactor politico da *Provincia de S. Paulo* deve alijar de si este barrete, se por ventura elle lhe não servir.

Rio Claro, 21 de Março de 1885.

THIERS.

Verdadeira orientação da mentalidade republicana

Julio Ribeiro, o eminente e erudito philologo que nós todos conhecemos, tem publicado no *Diario Mercantil* de S. Paulo algumas cartas a que intitolou *sertanejas*, apreciando com verdadeira franqueza e inteira justiça a eleição dos dos dois deputados republicanos e os seus meritos e qualidades scientificas.

O vigor da lingoagem, a belleza e propriedade da fórmula, o estylo ardente e castigado, esse modo de dizer todo seu que o tornam um dos mais apreciaveis escriptores, bem como a oportunidade e o interesse do assumpto, tem chamado para ellas a attenção do publico que lê, pensa e estuda.

Obedecemos á corrente enthusiastica que tem coberto de applausos as cartas de Julio Ribeiro, e por nossa vez vimos demonstrar-lhe todo o apreço em que o temos, toda a nossa admiração pelo seu bello talento e pelo serviço que está prestando com isso á nossa provincia, que pedimos-lhe licença para começar a transcrevel-as, afim de que as

possam devidamente apreciar os seus numerosos amigos e conhecidos d'esta parte da provincia, onde os conta enthu-
siastas e numerosos.

A carta que publicamos hoje é a 2.^a, estando já publi-
cadas a 3.^a, e a 4.^a, que por sua vez iremos passando para
nossas columnas.

Como era de esperar, sahiram ao encontro de Julio Ri-
beiro os zoilos de todos os tempos, e em artigos anonymos
atiraram-se-lhe ás pernas furiosos e esfaimados.

Julio Ribeiro tinha a culpa e o peccado de ter apeado
de seus pedestaes os falsos idolos, bater-lhes com o valente
camartello da critica e de mostrar ao publico attonito e aos
proprios crentes aterrados que eram occos, feitos do barro
commum, frageis e quebradiços.

E quebrou-os pela vehemencia e energia da pancada a
que não puderam resistir.

Siga o valente e denodado escriptor imperterrito e
firme o seu caminho, que não lhe faltarão applausos sin-
ceros pelo importante serviço que está prestando, defen-
dendo a idéa republicana dos que a tem sacrificado no
balcão do interesse e do egoismo.

(Do *Paulista*, de Taubaté).

A victoria republicana

Damos hoje a 3.^a carta de Julio Ribeiro, analyse pro-
funda e verdadeira da conducta do partido republicano de
S. Paulo, no ultimo pleito eleitoral.

Ha nella, como na que transcrevemos hontem, a rudeza
do convicto soldado de uma idéa, apostrophando os deser-
tores e os covardes, na hora solemne do combate, e que só,
como um gigante, egarrado á banleira que a symbolisa,

rompe com todos os laços de solidariedade, com todas as conveniências, procurando salvar-a pura e incolume dos que a querem entregar ao inimigo.

Julio Ribeiro, escriptor primoroso e intelligencia robusta, dotado de erudição pouco vulgar, tem rasgos de verdadeira eloquencia, soberbos de indignação, certos como a flecha desprendida do arco de guerreiro indio, frios e cortantes como um golpe de arma branca de polido aço.

Não julga só o homem, analysa o facto, não condemna só a incoherencia, protesta contra o mercantilismo.

Citando a phrase de Joaquim Nabuco dirigida ao partido republicano de S. Paulo, elle o republicano convicto e convencido como o conhecemos sempre, acha-a justa, verdadeira e sincera, e exclama, referindo-se á bandeira do seu partido :

« Singular bandeira essa que se irisa com todas as
« côres, que aceita todos os principios, que cobre todos
« os despeitos, que entrega aos beijos do vento os epi-
« taphios lugubres das convicções que morreram. »

Como estão stereotypados n'essas poucas linhas os republicanos de Campinas !

Julio Ribeiro morou alguns annos n'aquella cidade, e então, já a esse tempo, muitas vezes manifestava ao escriptor d'estas linhas as suas apprehensões e os seus receios sobre a lealdade e pureza politica dos seus correligionarios.

O tempo confirmou as suas previsões e então elle por um dever de honra e de civismo, elle que velou sempre o fogo sagrado no altar da liberdade e da republica, sente a necessidade de romper com elles, de condemnal-os, punil-os.

E' mais que um crente, é um apostolo, mais que um soldado, um chefe, mais que um doutrinario, um julgador.

Veste então a sua armadura de aço de fina tempera, enfia o escudo cujo mote é a *republica intemerata*, empunha

a clave de guerreiro e elle só, como um symbolo, arrosta contra os gonfaloneiros o peso de suas diatribes, de seus odios, de seus despeitos.

Mas vence-os! Prostra-os na arena, firme, altivo, inquebrantavel, aos generaes, aos chefes, aos egoistas, aos ambiciosos, aos dois eleitos emfim.

A carta que publicamos hoje é um golpe profundo, incuravel, uma larga aberta nas fileiras republicanas.

E Julio Ribeiro continúa de pé, com o senho carregado, com a pontaria certa, imperturbavel, calmo, a sua obra de reprovação e de defeza do seu partido ultrajado.

Ouçamol-o.

^{*} (Do *Paulista* de Taubaté, 20 de Março de 1885).

Pathologia da “Provincia”

(PUBLICA-SE ÀS TERÇAS-FEIRAS)

DOMINGO—12

« A formação espontanea da consciencia exacta do « valor politico do voto »... Ufa! não lhe metto o dente. Reminiscencias de certo da aprendizagem de Inglez; *pendant* magnifico do exemplo celebre: — « O cavallo do criado « do filho do general. »

« O partido republicano quando acceitou o accôrdo « proposto, quiz simplesmente aproveitar-se da opportuni- « dade que então se offereceu para introduzir em nossas « luctas politicas o sentimento benefico da tolerancia »... concretisado nas muito tangiveis personalidades de dous desempoeirados candidatos ! Fez o partido muito bem.

E o partido ainda é capaz de cavallarias muito mais altas; por exemplo, de escrever um periodão de nove linhas.

em que, para policiar cincoenta e cinco palavras, ponha duas miserrimas virgulas, desmoralisadas, fraquinhas, iucapazes de conter nos limites da ordem essa legião indomita, rebellada contra a grammatica.

TERÇA—14

« Moço, democrata e altivo, o sr. *Moreira Pinto*, « conquanto já tenha certas manifestações de sympathias « dos poderes publicos pelo seu ousado commettimento, « *todavia a sua maior ambição é dever* ao povo a gloria que « lhe *dev* advir da execução de *tão* nobre e *utilissimo* « *emprehendimento* ». Não ha duvida alguma: o sr. *Moreira Pinto*, moço, democrata e altivo, conquanto já tenha certas manifestações, não de sympathia, mas de *sympathias* dos poderes publicos, está figurando na phrase como sujeito de um verbo ausente. A boa intenção do escriptor não esconde a corcova do solecismo. O periodo, assim com uma gibba só, daria ares de dromedario: o *tão utilissimo* salva a situação, constituindo-se em segunda bossa que lhe permite ostentar-se como camello legitimo. Emfim, visto que o sr. *Moreira Pinto* quer *dev r* ao povo a gloria que lhe *deve* advir...

« E' o que os epicuristas na linguagem vulgar chamam « um louco em busca da realisação do seu ideal ». São uns pandegos os epicuristas! O sr. *Moreira Pinto* que lhes agradeça a amabilidade de o chamarem orate. E com a circumstancia aggravante de ser na linguagem vulgar.

« No meio em que faz surgir o seu «*emprehendido*». Este *emprehendido* por *emprehendimento* é um neologismo que serve. Aviso aos lexicographos.

« Sò estas duas verbas mostram sufficientemente que a « *companhia tem um valor economico incontestavel*. E

« desde que se concluem os *outros* prolongamentos que « estão já encetados, etc. ». Não tendo o artigo registrado ainda *prolongamento* algum, aquelle « *outros* » é que é um *prolongamento* delicioso. Bem preparadinhos os homens! Benza-os Deus!

QUARTA—15

« Ao discurso do Sr. José Bonifacio respondeu o chefe « da dissidencia, pondo-se á frente da tramoia que póde ser « uma tactica de guerra ». Como tactica e muito boa tactica foi a tramoia inventada pelo governo contra a opposição, e aproveitada por esta contra o inventor. Agora descobre-se aqui que a tramoia *póde ser* (e, consequentemente, *póde* tambem *não ser*) uma *tactica*, e, de mais a mais, *de guerra*! Pelo que se vê, de repente, quando menos se esperar, descobre-se por ahí uma *tactica... de paz*! São uns alhos.

« Não seria melhor, mais leal, mais correcto unirem-se « os dissidentes aos conservadores, e formarem definitivamente um só partido? ». Bem boa idéia, sim, senhor! E si os republicanos opportunistas tambem adherissem! Então é que ficaria a cousa asseadinha.

QUINTA—16

« O esphacelamento do partido pelos liberaes é incon- « testavelmente um recurso de conquista do poder ». Este « *esphacelamento pelos liberaes* » é uma Africa linguistica que tem brado d'armas. Os leitores da *Provincia* devem-na á pratica d'aquella celebre theoria da eliminação dos estudos classicos.

Com effeito, um caturra, versado em Grego, e até mesmo só em Portuguez bom, escreveria *esphacelo* e não *esphacelamento*; e não seria capaz de deixar correr por sua conto « *esphacelo pelos liberaes* ». *Esphacelo* é *gangrena*, diria elle, e « *gangrena pelos liberaes* » é *aspirina*.

« Fallou o sr. dr. Campos Salles. Tanto quanto podemos julgar do seu discurso *pelos resumos*, o talentoso deputado paulista firmou no parlamento a politica republicana, generosa e altamente comprehensiva dos problemas sociaes. » Pois ainda foram precisos os resumos do discurso? Modestia: *a priori* já os opportunistas sabiam de tudo isso e de muito mais.

« Desde que *um individuo* se diz republicano e milita activamente n'esse partido, *elle não tem direito* de dispôr de seu voto. » Esta sentença posta em ordem grammatical seria: « *Um individuo*, desde que se diz republicano e milita activamente n'esse partido, *elle não tem direito* de dispôr de seu voto. » Já tivemos um sujeito sem verbo: a compensar a falta vem-nos agora um pronome a representar com tede a galhardia um substantivo presente: *Um individuo, elle. Quod abundat non nocet.*

N'aquelle « *n'esse partido* » ainda ha lã a carmeiar: si o partido não tinha sido mencionado, a que veiu o determinativo « *esse* »?

« Restituir á funcção publica do voto a sua verdadeira significação politica.
 «
 « tal é a grandiosa e patriótica missão do partido republicano n'este paiz. »
 Uma vez que tenha restituído a verdadeira significação politica á funcção publica do voto, tem o partido republicano cumprido a sua grandiosa e patriótica missão n'este paiz. Ora, dado o caso da extincção da dynastia, se essa funcção, com a sua significação politica restituída pelo partido republicano, fôr exercida pelo organ social respectivo e der em resultado, como é possível e até provavel, a eleição de um imperador constitucional óu mesmo abso-

luto, segue-se que a missão grandiosa e patriótica do barrete phrygio n'este paiz terá sido legitimar o advento da corôa. Dá licença para que eu o comprimente, senhor doutor.

SEXTA—17

« Além d'isso, o que mais enfraquece o sr. Dantas é
« a abundancia de chefes do partido liberal *tantos quantos*
« *são os senadores (!!!!)*, cada um, em regra com pre-
« sumpção de ser organisador do ministerio.»

O sr. João Alfredo e o sr. Paulino de Souza *chefes liberaes!* Sim, senhor, esta é de mestre, é de padre-mestre, é de rei!

—

« No vallo destinado a dar mais commoda passagem
« aos assaltantes do poder.»

Até o dia 17 de abril do anno da graça 1885 os vallos, quer muralhas, quer cavas, « faziam-se, como disse o padre
« Vieira, não só para cercar, mas tambem para distinguir
« e dividir.» Para dar passagem é que não. Passava-se por estradas, caminhos, sendas, carreiras, trilhos, quingostas, ruas, beccos, viellas, travessas; passava-se até por tuneis e betesgas. Por vallos não se passava. Agora passa-se, mas paga-se pedagio á *Provincia*. Uma ideia: os assaltantes do poder, si se derem mal com algum entulho que possa estar no vallo, optem por um cano. E' caminho sabido: em tempos que já lá vão, pela calada das horas mortas, em uma noite tetrica, passou por elle o celebre Crispiniano de perfumada memoria. E' um passadiço *opportuno*: aproveitem.

SABBADO—18

« Elles (os republicanos) só votarão por aquelles
« que tiverem em seu favor a verdade da eleição e a
« lei que a regula.»

São os unicos catões da camara!... Presumpção e agua benta... O caso é que têm apparecido uns incommodos

muito *opportunistas* para justificar a ausencia dos homens em certas occasiões...

« A opposição conservadora e a dissidencia unidas.»
Unidas! Um tanto singular este plural. Emfim...
 (Continuar-se-ha na terça-feira proxima).

J. R.

Alberto Salles e Julio Ribeiro

Do *Correio de Campinas*, de hontem, extrahimos o seguinte :

« A proposito de uma discussão sobre a funcção publica do voto, em sua positiva significação, o nosso collega da *Provincia*, Alberto Salles, diz o diabo ao sr. Julio Ribeiro.

« Como sempre acontece, as injustiças apparecem tão claras como agua... clara

« Que Alberto Salles chame injusto, parcial, atrabilario, ao sr. Julio Ribeiro, concebe-se ; mas chamar-lhe sandeu—dá vontade de se lhe pedir que repita.

Lamentamos chegarem as cousas a um ponto em que, da dureza da phrase, saltam tantas injustiças e tantos amargores... »

Julio Ribeiro

A *Provincia de S. Paulo*, órgão do partido que entre nós affixa o rotulo republicano, colligiu em folheto os artigos calumniosos, com que, sob a mascara de anonymo,

embalde alguém esforçou-se por marejar a reputação do energico e franco escriptor das *Cartas Sertanejas*.

Nunca rastejou tanto a impotencia da furia, como no desabafo mesquinho que transpira d'este folheto. Comprehende-se, depois de lê-lo, o motivo porque não ha um nome que o assigne. Um homem de medianos brios teria pejo de assumir a responsabilidade de tamanhas torpezas.

Estas paginas são a desforra traiçoeira dos chefes republicanos, que promoveram o convenio de 21 de Dezembro. Julio Ribeiro em uma memoravel polemica, em que o brilho da logica pleiteia com as louçanias do estylo, teve a coragem de romper de frente contra o conchavo, em que o partido republicano paulista, em troca de dous diplomas, cedeu a sua bandeira até os ultimos farrapos.

Em vez de empregar contra Julio Ribeiro as armas de cavalheiro com que este galhardamente bateu-se, o partido republicano fez-lhe a guerrilha do assalto na treva, e tentou aterrar o valente contendor, a golpes de pornographia.

Si a attitude do partido republicano no pleito eleitoral foi um desastre, a sua attitude diante de Julio Ribeiro acabou de desacreditar-o.

Em vão se procura entre os republicanos um nome que equivalha ao da Julio Ribeiro pelo talento e pela illustração — não conseguidos em camarilhas de elogios mutuos, — mas reconhecidos por todos, e provados por documentos litterarios e scientificos de subido valor.

Como cidadão não ha entre os seus adversarios um só dotado de mais recommendaveis virtudes ; como particular rarissimos o poderão igualar, mas com certeza nenhum o excede na dedicação á familia, na lealdade aos amigos, e no ameno tracto social.

Julio Ribeiro tem justos motivos de glorificar-se com o odio dos adversarios que esmagou.

Sómente o élo apparente das idéas politicas prendia aos republicanos paulistas o digno escriptor, mas desde

que elle mesmo reconheceu e demonstrou não existir semelhante laço, desde que tomou a resolução de manter-se nos principios e deixar aos outros a especulação eleitoral,— nada convém melhor ao bom nome de Julio Ribeiro do que o rancor diffamatorio dos republicanos.

Qualquer espirito imparcial, investigando as causas d'esse rompimento, fará justiça ao nobre character do auctor das *Cartas Sertanejas*, e sentir-se-ha tomado de repugnancia e desprezo para com os liliputianos que o tentam amarrar ao poste da calumnia, com os fios tenues e inconsistentes da mentira e da maledicencia.

Entre as infamias, que serpeiam no livro, armando o bote ao character de Julio Ribeiro, para d'este modo atenuar o valor das cartas, em que foi fulminada a transacção, e descarnado o manejo da republica sem republicanos, avulta esta: « O sr. Julio Ribeiro *fez-se* republicano, quando precisou dos membros d'esse partido para vender a sua grammatica e collocar-se no collegio *Culto á Sciencia*, como professor, com ordenado de quatro contos.»

O *Correio de Campinas*, que por ser do lugar, conhece perfeitamente os factos, já cathegoricamente deu publico desmentido a tal arguição.

E' sabido na provincia que nunca a politica tem parte na nomeação de professores para aquelle collegio,— instituição dirigida por membros de todos os partidos.

E' publico e notorio que Julio Ribeiro foi professor no *Culto á Sciencia* duas vezes. Na primeira foi admittido por proposta e a instancias do dr. Melchiades da Boa-Morte Trigueiros, director do collegio, homem indifferente á politica,— em todo o caso não republicano.

Na segunda, foi admittido quando eram membros da directoria os srs. Candido Ferreira de Camargo e Silva, Alvaro Xavier de Camargo Andrade, Carlos Norberto de Souza Aranha e dr. Francisco Pereira Lima, — *todos liberaes*, — e dr. Jorge Miranda; — *unico republicano*.

Este senhor foi quem escreveu cartas a Julio Ribeiro, para acceitar o lugar, offerecendo-lhe — não *quatro*, *ma-cinco* contos de réis por anno.

Julio Ribeiro não teve demissão do emprego, — *deu-se* por demittido, por um officio terminante enviado á directoria, por não concordar com uma medida tomada por ella.

Eis — ahi citados — factos, nomes e circumstancias positivas.

Eis ahi como se destrama um embuste repugnante, inspirado pela impotencia da vingança.

São indecentes os meios de que está lançando mão o partido republicano, para macular um nome respeitavel por todos os titulos, um dos raros, entre os nossos patri-cios, conhecidos além-mar — não por tricas eleitoraes, mas por obras de merito.

Um partido que, para guerrear um unico homem, vê-se forçado a resvalar a mão a armas tão vilipendiosas, para quem as maneja, está moralmente morto.

Não é para a provincia de S. Paulo que escrevemos estas linhas: aqui Julio Ribeiro é perfeitamente conhecido, e perfeitamente conhecidos os seus aggressores republicanos.

Mas lá fóra, onde chegar o folhete, bom é que o acompanhem de perto os protestos da imprensa séria; — é conveniente que ella tome a defcza das glorias do paiz contra os invejosos e despeitados, que as intentam deprimir e amesquinhar.

(Do *Diario Liberal*).

A proposito de Julio Ribeiro

O brilhante jornalista campineio e nosso presado amigo sr. Henrique de Barcellos, illustrado director do *Correio de Campinas*, em resposta a um artigo publicado na *Gazeta* e firmado pelo sr. Francisco Glycerio, publicou hontem a seguinte contestação, que, além de manter de pé as suas affirmações, constitue uma brilhante e valiosissima defeza do character integerrimo do illustre philologo brasileiro, que a inepcia tem procurado de balde macular.

Eis o artigo :

RESPOSTA AO REPARO

O sr. Francisco Glycerio, com a cortezia que o distingue e caracteriza, fez hontem algumas observações ao que dissemos quarta-feira relativamente ao sr. Julio Ribeiro.

A nossa intenção, rebatendo as affirmativas dos collaboradores da *Provincia*, foi tornar bem saliente de que modo procederam sempre as directorias do *Culto á Sciencia* quando tinham de admittir um professor n'aquelle estabelecimento — inquirindo sómente de sua capacidade professional e boa conducta, sem que para a admissão tivesse peso o pertencer o professor a este ou áquelle credo politico.

Dissemos tambem que o sr. Julio Ribeiro, ainda quando era professor n'aquelle collegio, tinha em mente expôr ideias que sahiram á publicidade nas *Cartas Sertanejas*. Affirmando isto e continuando a affirmal-o como o fazemos agora, tornamos patente a falsidade de *Democrito*, insinuando este que o illustre professor só depois que sahiu d'aquelle collegio, onde entrára por protecção do partido republicano, é que se pronunciou contra alguns cidadãos

d'esse partido, os srs. drs. Campos Salles, Prudente de Moraes e Rangel Pestana.

As apreciações de agora são velhas.

Não nos constituimos orgam do sr. Julio Ribeiro ; nem este cavalheiro nos pediu defeza, porque não precisa d'ella por penna estranha quem tão galhardamente maneja a propria. Apenas salvamos de enredos perigosos uma instituição nobre e por um dever de lealdade salvamos tambem a honra das directorias d'essa instituição, pondo-as acima de outros enredos, quando se trata de cousa tão importante como é a instrucção.

Que o Sr. Julio Ribeiro se descontentou da direcção dada ao partido em que militou parece cousa clara desde que as *Cartas Sertanejas* viram a luz. Não ignoramos as rasões, que a elle e só a elle cumpre dar, caso isso lhe agrade, porque se não nos enganamos já vieram essas razões ao publico na terceira *Carta*. O Sr. Julio Ribeiro, de facto, pelo que tem escripto, separou-se do convivio dos seus amigos politicos e, mais que tudo, do serviço das ideias.

A prova está que muitos dos seus antigos affeiçãoados viraram-se contra elle ha pouco. Houve de tudo ; gente de merito e gente de troça, sobretudo muita inepcia, muita maldade e por vezes crueldade, começando-se por achincalhar o escriptor e indo-se, depois de umas chocarrices torpes, até á vida privada do homem.

O mal não proveio de um partido com ideias nem pessoa alguma de bôa fé l'ho levará á conta : proveio, sim, de uns diabos mal ensinados que quizeram ter a honra de fazer rir a puerilidade dos parceiros á custa de um homem que estuda muito, e que sabe o sufficiente para ensinar de cadeira a tres mil detractores seus.

Sentimos não estar em nós o acceder ao pedido do sr. Glycerio — externando com franqueza a natureza e o valor das contas politicas que o sr. Julio Ribeiro tencionava liquidar ; parece-nos que esse trabalho está feito nas *Cartas*

Sertanejas; se alguma conta mais ha, para liquidar, o sr. Julio Ribeiro o fará, se achar conveniente fazel-o.

Finalmente, ao cavalheiro tão cortez a quem temos a honra de responder, cumpre-nos affirmar que *Democrito* faltou á verdade rebaixando o sr. Julio Ribeiro á condição de mendigo quando esse professor quiz entrar para o *Culto á Sciencia*; o sr. Julio Ribeiro, se sollicitou emprego, fez o que toda a gente faz sem quebra de dignidade; se o sollicitou dos republicanos, ignoramol-o, mas ainda assim seria a cousa mais natural d'este mundo recorrer aos do seu credo; agora que o sr. Ribeiro discordava de certa direcção dada ao partido já n'esse tempo é o que nós asseguramos sem hesitação e sem reservas.

Se votava, disse-nos elle, era para que mais um voto se juntasse aos que significavam a existencia do partido republicano.

Apparente cohesão politica, porque na realidade o sr. Julio Ribeiro sempre foi, é e será um dissidente, condição dos que, modernamente educados, collocam os eternos ideaes, as eternas formulas, sejam a liberdade, a egualdade, a fraternidade, a justiça, a verdade, o bello ou o sublime, acima de interesses transitorios e das combinações do que se chama opportunismo.

Julgamento do partido republicano paulista

Como republicano convicto e patriota sincero, applaudimos a attitude por Julio Ribeiro assumida quanto ao procedimento do partido republicano paulista.

N'esta tristissima quadra de miserias e hypocrisias, de mentiras e sophismas, de egoismo e de ambições; n'esta

quadra em que ao verdadeiro crente só é reservada a mais cruel desillusão, deve, mais do que nunca, em bem dos seus principios, ser a verdade proclamada bem alto, para que, aquelles que ainda ousam sonhar, ter uma aspiração, esperar a regeneração da sociedade actual, não se illudam a respeito dos homens em que confiam demasiadamente.

E todos nós andavamos illudidos a respeito d'esses intitulados republicanos, acreditando na sinceridade que nunca tiveram.

Triste realidade ! Mas o procedimento que tiveram os republicanos nas ultimas eleições a ninguem deixa duvida de que nós outros, tolos que d'elles esperavamos a salvação da Patria, andavamos enganados, e que os principios nada valem quando se tem uma ambição desenfreada !

Por maior que sejam os esforços com que os republicanos procurem se justificar do pacto que firmaram com os conservadores, a quem causam riso suas palavras, não o conseguirão jámais !

Encham embora de lama aquelle que teve a coragem e a ousadia de arrastal-os á barra do grande tribunal da opinião publica (para o qual ss. ss. appellam sempre), para ahi serem competentemente julgados ; o que nunca conseguirão é obscurecer a luz que irradia da verdade dos factos.

Os proprios desesperados esforços que empregam para se defenderem só provam a profundeza do golpe acertado que os feriu e os aturdiu.

Amontoem sophismas sobre sobismas, gritem, esbravejem, extorçam-se desesperados, que cada vez ficará mais patente sua incoherencia !

Os conservadores é que riem-se a bom rir.

Com sua costumada habilidade souberam servir-se da ambição dos republicanos para conseguirem dois fins ; eleger seus candidatos e desmoralisar o partido republicano.

E têm razão de rir os conservadores ! De que valem,

senhores republicanos, vossos dois votos diante dos quatro que déstes aos vossos adversarios?

Confrontae, senhores republicanos, vós que tanto alarde fazeis da vossa lealdade, confrontae vosso procedimento com o do eminente cidadão José Bonifacio e dizei-nos se vos não envergonhais.

Ao passo que José Bonifacio, por amor á coherencia, sacrificando os laços os mais sagrados, mandava suffragar o nome do vosso candidato, vós, com a vossa lealdade, com o vosso amor aos principios, com a vossa honestidade, mandaveis distribuir vossos votos aos adversarios mais terriveis da ideia que inscrevestes na vossa bandeira!

Que quer isto dizer se não que a ambição está a fallar mais alto que os principios?

Se em troca dos votos que desses adversarios recebestes para a victoria dos dois candidatos vossos, trabalhasseis para o alcançardes egualmente a dois vossos alliados, ainda vá; mas que elegesseis quatro adversarios, oh! isso não se comprehende. Com este procedimento os republicanos seriam capazes de sacrificar suas proprias ideias em todo o paiz desde que com isso podessem obter o triumpho dos seus dois idolos, que sem duvida vão ser os salvadores da patria.

E podeis com boas razões negar que sacrificastes as vossas idéias, elegendo quatro candidatos cujos programmas são a mais completa condemnação de todas ellas?

Jundiahy, 27 de Abril de 1885.

A. H.



